

**UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY
DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



ORESTES GONÇALVES AZEVEDO

**A FORMAÇÃO LITERÁRIA REFLEXIVA: A RELEVÂNCIA DA LEITURA PARA
RESSIGNIFICAR A PRÁTICA DO PROFESSOR ENGAJADO.**

**Asunción - Paraguay
2015**

ORESTES GONÇALVES AZEVEDO

**A FORMAÇÃO LITERÁRIA REFLEXIVA: A RELEVÂNCIA DA LEITURA PARA
RESSIGNIFICAR A PRÁTICA DO PROFESSOR ENGAJADO.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Postgrado da Universidad Evangélica del
Paraguay - UEP, como requisito para obtenção do
título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Dr. Carlos Ibañez Morino

**Asunción - Paraguay
2015**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

**A FORMAÇÃO LITERÁRIA REFLEXIVA: A RELEVÂNCIA DA LEITURA PARA
RESSIGNIFICAR A PRÁTICA DO PROFESSOR ENGAJADO.**

ORESTES GONÇALVES AZEVEDO

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Dr. Carlos Ibañez Morino

ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Dionisio S. Ortiz Mutti

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Prof. Dr. Genaro Ruiz Dias Benitez

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Prof. Dr. Esteban Missena Del Castillo

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Asunción - Paraguay
2015

RESUMO

Este estudo objetiva levantar dados relacionados à visão e às dificuldades de leitura na perspectiva do professor da rede municipal da cidade de Itamar-Bahia. Busca-se assim, além de identificação das dificuldades desses professores, de uma maneira localizada, refletir numa perspectiva de Brasil, os fatores que distanciam o professor, aquele que é supostamente encarregado de disseminar o gosto e prazer da leitura nos alunos, da leitura, para além de sua forma obrigatória e didática. Além de habilidades de decodificar palavras, envolver signos, o leitor precisa estabelecer objetivos na leitura, de forma a criar motivações para que se constitua a interação entre ele e o texto, no decorrer de cujo processo encontra-se a compreensão. Em um primeiro momento este trabalho trata de buscar historicamente a concepção de leitura apontando suas mudanças durante o tempo e assim entendendo –a como base de transformação pessoal e pressuposto para a mudança profissional. Busca-se aqui conceituar leitura como fonte de prazer e entretenimento e que esse é o pressuposto básico para que ela sirva enquanto base da aprendizagem. Em um segundo capítulo trata-se das potencialidades da leitura na formação continuada do professor, considerando-a como principal instrumento para a mudança na prática pedagógica do professor verdadeiramente engajado. Por fim, faz-se um levantamento de dados por meio de uma pesquisa etnográfica de caráter qualitativo com obtenção de resultados relativos às dificuldades do professor na leitura em suas diversas formas e possibilidades atuais. Esses dados obtidos em pesquisa confirmam os posicionamentos teóricos selecionados.

Palavras-chave: Leitura. Professor. Compreensão. Dificuldades. Formação Continuada.

ABSTRACT

This objective study to raise given related to the vision and the difficulties of reading in the perspective of the professor of the municipal net of the city of Itamar-Bahia. One searches thus, beyond identification of the difficulties of these professors, in a located way, to reflect in a perspective of Brazil, the factors that distanciam the professor, that one that is supposedly in charge spreading the taste and pleasure of the reading in the pupils, the reading, stops beyond its obligator and didactic form. Beyond abilities to decode words, to involve signs, the necessary reader to establish objectives in the reading, of form to create motivations so that if it constitutes the interaction between it and the text, during whose process it meets understanding. At a first moment this work treats to search the conception of reading historically pointing its changes during the time and thus understanding - as base of personal and estimated transformation for the professional change. One searches here to appraise reading as source of pleasure and entertainment and that this is the basic estimated one so that it serves while base of the learning. In as a chapter one is about the potentialities of the reading in the continued formation of the professor, considering it as main instrument for the practical change in the pedagogical one of the professor truly engaged. Finally, one becomes a current data-collecting by means of a etnográfica research of qualitative character with attainment of relative results to the difficulties of the professor in the reading in its diverse forms and possibilities. These data gotten in research confirm the selected theoretical positionings.

Word-key: Reading. Professor Understanding. Difficulties. Continued formation.

LISTA DE SIGLAS

FACEI- Faculdades Einstein

INAF- Indicador de Alfabetismo Funcional

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

PUC- Pontificia Universidade Católica

UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural

UESC-Universidade Estadual de Santa Cruz

LISTA DE TABELAS

1. Tabela 1 -Perfil pessoal	49
2 Tabela 2- Perfil do profissional	49
3 Tabela 3 -Dados Institucionais	50
.4 Tabela 4- Dados culturais	51
.5 Tabela 5 -Traçando meu perfil- Leitor	52
6 Tabela 6 Leitura da vida e na escola	53
7 Tabela 7 Falando em leitura	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO I RESIGNIFICANDO A LEITURA: O ATO DE LER COMO FONTE TRANSFORMADA NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL DO DOCENTE.	17
1.1 LEITURA ANTES E HOJE. MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS.	17
1.2 A LEITURA COMO TRANSFORMAÇÃO PESSOAL; BASE PARA A MUDANÇA PROFISSIONAL.	20
1.3 LEITURA POR PRAZER: INÍCIO DE UMA MUDANÇA PESSOAL.	24
2 CAPÍTULO II A LEITURA COMO PRINCÍPIO FORMADOR NA VIDA DO PROFESSOR: DESAFIOS E EXPECTATIVAS.	29
2.1 POTENCIALIDADES DA LEITURA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR.	30
2.2 LEITURA, FORMAÇÃO, REFLEXÃO – A TRÍADE PARA A MUDANÇA NA/DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	32
2.3 REFLETINDO SOBRE LEITURA E FORMAÇÃO DO PROFESSOR	34
3 CAPÍTULO III LEITURA COMO REFERÊNCIA PARA MUDANÇAS DA POSTURA PROFISSIONAL	40
3.1. UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	40
3.2 TIPO DE PESQUISA	41
3.3 CENÁRIO DA PESQUISA	43
3.4 SUJEITOS DA PESQUISA	44
3.5. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	44
3.6 ANÁLISE DESCRITIVA DA PESQUISA :LEITURAS DO PROFESSOR ITAMARIENSE.	45
3.6.1 Perfil pessoal	45
3.6.2. Perfil profissional	46
3.6.3 Dados Institucionais	47
3.6.4 Dados culturais	48
3.6.5 Traçando meu perfil- Leitor	49

3.6.5.1 Leitura da vida e na escola	50
3.6.5.2 Falando em leitura	54
3.6.5.3 Experiências leitoras	61
3.6.5.4 Práticas leitoras e formação continuada	65
3.6.5.5 Livros marcantes que li	72
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a intervenção e a participação responsável na vida social. O domínio da língua falada e escrita, os princípios da reflexão matemática, as coordenadas espaciais e temporais que organizam a percepção do mundo, os princípios da explicação científica, as condições de fruição da arte e das mensagens estéticas, domínios de saber tradicionalmente presente nas diferentes concepções do papel da educação no mundo democrático, até outras tantas exigências que se impõem no mundo contemporâneo.

Tudo isso passa pela leitura e pela leitura, pela palavra se chega ao mundo. A constituição desse trabalho mostra que o professor é um artesão, um oficinairo que pode demorar-se anos a constituir uma única peça, mas e ela não é apenas uma única peça, é uma peça única. O ser humano e, sua integralidade e totalidade

Muitas vezes o professor está restrito a definições elaboradas de acordo com fórmulas prontas, percebendo como desvalorizados o seu conhecimento ou seus próprios pensamentos sobre as mesmas questões. Como se estes não tivessem lugar, fossem proibidos. O que gera insegurança na prática docente.

Mesmo diante da expansão ocorrida com a educação no Brasil para grande parte da nossa população, ainda encontra-se fora do contingente escolar muitos cidadãos que ainda não dominam a língua escrita e oral em seu sentido formal. Muito se discutiu e ao longo dos anos sobre como criar mecanismos, para um ensino eficaz e eficiente no contexto escolar.

O professor de hoje é o aluno de ontem que não esqueceu sua professora, sua escola e o lugar que isso representava na sua família e em seus projetos futuros. Pode ser que, na sua forma de atuar em sala de aula, o professor repita padrões ou ressentimentos que nunca puderam ser elaborados, analisados ou ouvidos em um contexto apropriado. Na ação educativa, percebe-se que o papel do professor vai além da sala de aula, pois ele exerce uma influência positiva sobre os alunos e lhes prepara para a vida. A presença do educador na vida dos jovens e adultos pode começar com pequenos gestos e palavras, um sorriso um bom dia, um abraço, um

incentivo, a mão estendida na hora certa, e um pouco de atenção. Essas ações contribuem para a reciprocidade e o compromisso, que estão incorporados nas pessoas, nos grupos e nas organizações.

A concepção freireana busca a inspiração para uma aprendizagem comprometida com as ideias de igualdade, liberdade e justiça, o tripé sobre o qual repousa a formação da cidadania e a palavra é um instrumento de conhecimento dos homens sobre si mesmo e sobre a situação no mundo. Assim, o educador torna-se uma ponte entre o educando e seu entorno, possibilitando-lhe o estabelecimento de uma relação pedagogicamente qualificada com o mundo natural e humano que o cerca.

Entende-se que o objetivo da escola deve ser “ministrar a educação dentro dos planos, leis e normas estabelecidas pela legislação em vigor, integrando o jovem à sociedade, ensinando-lhe a aprender para desenvolver a reflexão crítica sobre o papel do indivíduo no mundo, através dos conhecimentos dos direitos e deveres. Assumir como próprio os princípios e fins da Educação Nacional, estabelecidos na Lei N.º 9 394 (BRASIL, 1996). Inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.” Sua educação tem por finalidade o desenvolvimento integral do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho e sua capacidade de aprender.

A educação no Brasil tem se expandido para grande parte da nossa população, mas ainda encontram-se fora do contingente escolares muitos cidadãos que ainda não dominam a língua escrita e oral. Muito se discutiu e se discute ao longo dos anos sobre como criar mecanismos, para o ensino eficaz e eficiente no contexto escolar. Para tal, a nossa educação tem se dividido em modalidades, visando viabilizar estudos específicos, isto é, um direcionamento de políticas públicas para cada modalidade. Ainda assim o contexto educacional brasileiro não é dos melhores na escala mundial.

Neste contexto, a escola deve proporcionar ao aluno e ao professor condições apropriadas para o desenvolvimento de suas atividades, onde possam ser desenvolvidos os princípios estéticos, abrangendo a estética da sensibilidade, a política da igualdade e a ética da identidade. Partindo de uma visão humanística centrada no aluno, os planos e programas de estudos, as metodologias de ensino, os critérios de avaliação, as relações entre os vários participantes do processo e de

todas as variáveis implícitas nele, ter pessoas do aluno como centro e agente de sua própria educação.

Partindo desse pressuposto, e baseada nos princípios pedagógicos, a escola deve valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, que resgatado sob forma de problematização são pontos de partida de todo trabalho pedagógico. O ensinar e o aprender, de alunos e professores, vai se desenvolvendo de forma a assegurar que muito mais que a simples transmissão dos conteúdos (programa de ensino) vá se consolidando a apropriação de habilidade _ observar, perguntar, falar, ouvir, refletir, comparar, estabelecer relações, analisar, tirar conclusões, elaborar sínteses e registrar, aplicar_ a formação de atitudes e postura frente ao conhecimento, assim mesmo, ao outro, ao mundo em que vivemos. A condição básica para toda e qualquer ação educativa de qualidade é o estabelecimento de uma boa relação entre professor e educando; pois o educador que mantém uma relação de afetividade com seus alunos saberá compreendê-lo e ajudá-los nas suas dificuldades e limitações, entendendo que sua tarefa na sala de aula vai muito além do que a mera transmissão de conhecimento; uma vez que orienta, incentiva esclarece e mostra caminhos, para assim possa facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos. Tudo é pensado e deve ser assim para o aluno. Mas e o professor? Como fica nesse ínterim?

Partindo do princípio de que o educador não é mero transmissor de conhecimento, mas alguém que desenvolve potencialidade dos alunos é primordial que encare esta profissão com responsabilidade, e comprometimento, criatividade para que desta forma possa desempenhar seu trabalho de modo coletivo.

Entretanto, para que o professor estabeleça ambiente favorável à aprendizagem é preciso que além de ele receba um aluno que teoricamente vivencie uma situação sócio-familiar favorável e que esteja apto a ingressar no mundo do conhecimento sistemático, sem seqüelas emocionais. E também que este professor seja oriundo de uma situação saudável e de um histórico de vida condizente com sua função de formador de idéias. Entretanto sabemos que essa não é a realidade concreta e está longe de se tornar realidade. A escola, o professor recebe em seu seio um caldeirão de emoções, informações, problemas, projetos ou não intrínsecos a cada um que nela adentra. Ter que lidar com isso é o grande desafio da contemporaneidade que exige um entendimento da heterogeneidade, quando a tendência ao agrupamento e ao fechamento dessas tribos está latente.

Como a sociedade encontra-se em intenso processo de modernização, cujo domínio da língua escrita, oral e de outras técnicas subsidiadas pela educação formal são essenciais, logo sem essas, a inserção formal no mercado de trabalho torna-se remota para aquele que por quaisquer motivos foram excluídos de sala de aula, sem ao menos terem concluído as primeiras série. Discutir o papel da educação em tempos hodiernos é sempre desafiador e redundante ao mesmo tempo.

Dentro das inúmeras mudanças que ocorrem na sociedade atual, de ordem econômica, política, social, ideológica, a escola, como instituição de ensino e de práticas pedagógicas, enfrenta muitos desafios, os quais comprometem uma ação mais eficaz frente às exigências que surgem. Assim, os profissionais e diversos atores sociais, que nela trabalham, precisam estar conscientes dos objetivos propostos pelo Projeto Político Pedagógico e quais ações serão promovidas para o cumprimento desses objetivos. dos vários papéis que a instituição escolar acumula substituindo a sua antiga função de apenas transmissora de conhecimento formal. Hoje, tarefas de ordem burocrática, disciplinar, organizacional fazem parte desse cotidiano e o professor tem assim que adaptar-se a elas.

Paulo Freire é autor de uma vasta obra, traduzida em vários idiomas. Em seus trabalhos, Freire defende a idéia de que a educação não pode ser um depósito de informações do professor sobre o aluno. Esta "pedagogia bancária", segundo Freire, não leva em consideração os conhecimentos e a cultura dos educadores. Respeitando-se a linguagem, a cultura e a história de vida dos educando pode-se levá-los a tomar consciência da realidade que os cerca, discutindo-a criticamente. Conteúdos, portanto, jamais poderão ser desvinculados da vida. Nele Freire alerta sobre a necessidade da esperança e do sonho para a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor. Segundo ele, a esperança é uma necessidade ontológica, pois sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate. Alerta, entretanto, que atribuir à esperança o poder de transformar a realidade seria um modo excelente de cair na desesperança, pois "enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica" (p. 11). Assim, explica a necessidade de uma educação da esperança, pois "como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo" (p. 10).

Em Freitas (2000) encontramos:

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista é desvelar as possibilidades para a esperança, não importam os obstáculos." A pedagogia da esperança faz-se também necessária para o enfrentamento das "situações-limites", ou seja: os obstáculos e barreiras que precisam ser vencidas ao longo de nossas vidas pessoal e social. Segundo Paulo Freire, as pessoas tem varias atitudes frente a essas situações-limites: "ou as percebem como um obstáculo que não podem transpor; ou como algo que não querem transpor; ou ainda como algo que sabem que existe e precisa ser rompido e então se empenham na sua superação (FREITAS.2000,p. 205).

A esperança faz-se necessária, portanto, para romper essas "situações-limites" e, ao assumir uma postura critica frente ao mundo, negar o dado, em ações de superação denominadas por Freire de "atos-limites". Através desses atos-limites, transpõe-se a fronteira entre "o ser e o ser mais", ampliando a liberdade dos oprimidos e descobrindo o "inédito-viável". O inédito-viável é uma coisa inédita, que o sonho utópico sabe que existe mas que só será possível a partir da práxis libertadora, quando a partir da reflexão-ação se derrubam as situações-limites que nos limitam a "ser menos". Paulo Freire cultiva o nexos escola/vida, respeitando o educando como sujeito da história. As pessoas podem não ser letradas mas todas estão imersas na cultura e, quando o educador consegue fazer a ponte entre a cultura dos alunos, estabelece-se o diálogo para a construção de novos conhecimentos.

A base da pedagogia de Paulo Freire é o diálogo libertador e não o monólogo opressivo do educador sobre o educando. Na relação dialógica estabelecida entre o educador e o educando faz-se com que este aprenda a aprender. "Paulo Freire afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra", com isto querendo dizer que a realidade vivida é a base para qualquer construção de conhecimento. Respeita-se o educando não o excluindo da sua cultura, fazendo-o de mero depositário da cultura dominante. Ao se descobrir como produtor de cultura, os homens se vêem como sujeitos e de sua aprendizagem.

Paulo Freire é um ferrenho defensor da leitura em todas as suas formas. Defende que a partir da leitura de mundo de cada indivíduo, através de trocas dialógicas, constrói-se novos conhecimentos sobre leitura, escrita, cálculo. Vai-se do senso comum do conhecimento científico num contínuo de respeito. A educação, segundo Freire, deve ter como objetivo maior desvelar as relações

opressivas vividas pelos homens, transformando-os para que eles transformem o mundo. Na Pedagogia da Esperança, por exemplo, Freire nos alerta que, sem poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não podemos prescindir da esperança na luta por um mundo melhor.

A leitura é aquilo que nos encaminha para esse mundo melhor e sem opressão. E fazer dela um modo de vida é uma esperança contida na vida de todo professor. A leitura foi uma das primeiras formas de entretenimento para o homem. Segundo Freire (1995, p. 71), “desde muito pequenos, aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos ‘lendo’, bem ou mal, o mundo que nos cerca”, fazendo dessa aprendizagem um divertimento. Segundo as experiências que dão respaldo à teoria de Paulo Freire, na infância, a leitura é algo prazeroso, realizada em lugar confortável, tendo como mediadora a figura materna que praticava, e ainda pratica essa atividade com a criança, que passa a reconhecer na leitura de histórias um universo de encantamento. Quando se adquire, então, as duas leituras, a de mundo e da palavra, em que ambas se completam, compreende-se a linguagem e a palavra em um determinado contexto. Ao se chegar à escola, porém, essa concepção de leitura é modificada por diversos fatores, tornando-se menos prazerosa e mais mecânica. E isso acontece com o professor que outrora foi aluno.

Este trabalho se justifica-se pelo fato de que, somente através da leitura, o indivíduo se constrói como sujeito ativo e crítico, estabelecendo condições para refletir sobre vários aspectos e formular opiniões. Tal entendimento propõe a idéia de que a formação de leitores competentes se constitui por meio do contato com diversos textos, relacionando os dados textuais com seu conhecimento prévio, de modo a interagirem com a leitura. A motivação para a realização deste trabalho é justificada pela constatação de que os professores relegam a segundo plano a leitura como forma de aprimoramento pessoal e requisito essencial para a formação e aprimoramento profissional. Isso repercute em sala de aula, pois o professor, deixa explícito seu desinteresse pela leitura. Ele precisa gostar de ler e ter o hábito da leitura. Precisa estar motivado e deixar transparecer essa motivação ao aluno. O aluno lê pouco porque, uma vez que a leitura não lhe é apresentada como algo fascinante, ele tem sua atenção tomada por outros pontos de interesse que estão ao seu alcance e para os quais encontra maior motivação. As dificuldades com a leitura

e com a escrita são compreensíveis, tendo em vista exigirem habilidades que não são inerentes ao estudante. Ao longo do seu percurso, essas habilidades receberão reforços, podendo atingir excelentes níveis de competência. A leitura é uma dessas habilidades. Em condições ideais, trata-se de experiência que já tem início no lar e deve continuar na escola, num processo permanente e progressivo.

Os objetivos desse trabalho enfim distribuídos em 3 capítulos baseiam-se em analisar as práticas de leitura de professores-leitores e professores – não leitores do município de Itamari como subsídio à melhoria da ação-atuação-reflexão da prática pedagógica, observando como acontece a prática leitora no dia a dia do professor da rede, discutindo assim as posturas e vivências a partir do universo leitor do professor, reconstituindo a trajetória de leitura de cada professor participante, considerando as configurações sociais que proporcionaram ou não a constituição de disposições sociais para a leitura; e por fim analisar o papel das experiências leitoras ao longo da vida de cada professora participante no seu processo de se tornar leitora.

Espera-se a partir desse estudo e sua divulgação ,traçar proposições para uma postura diferenciada entre o professorado, voltado para a promoção de práticas leitoras que certamente engrandecerão como profissional e como ser humano.

1 CAPÍTULO I RESIGNIFICANDO A LEITURA: O ATO DE LER COMO FONTE TRANSFORMADA NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL DO DOCENTE.

As dificuldades encontradas na aquisição e apropriação da leitura em todos os países e de forma bem específica no Brasil, criaram nas últimas décadas o cenário favorável para que discussões sobre os caminhos e descaminhos da leitura tomassem forma e corpo nos meios acadêmicos. ao número alarmante de analfabetos funcionais do país."No Brasil, há aproximadamente 14 milhões de analfabetos absolutos e um pouco mais de 35 milhões de analfabetos funcionais, conforme as estatísticas oficiais", afirma Vicente Vuolo(INAF, 2013). Segundo definição da UNESCO, "uma pessoa funcionalmente analfabeta é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade, e que lhe permitem, também, continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço do seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade".

1.1 LEITURA ANTES E HOJE. MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

Segundo dados do IBOPE (2005), no Brasil, havia nesse período aproximadamente 14 milhões de analfabetos absolutos e um pouco mais de 35 milhões de analfabetos funcionais, conforme as estatísticas oficiais. O analfabetismo funcional atingiu cerca de 68% da população. O censo de 2010 mostrou que um entre quatro pessoas são analfabetas funcionais (porcentagem é de 20,3%). O problema maior está na Região Nordeste, onde a taxa chega a 30,8%. Ainda de acordo VUOLO (2014) ecom os dados da ONG Ação Educativa:

Apesar da evolução positiva nos últimos anos, o quadro brasileiro é preocupante. Existem vários níveis de alfabetização funcional: aqueles que apenas conseguem ler e compreender títulos de textos e frases curtas; e apesar de saber contar, têm dificuldades com a compreensão de números grandes e em fazer as operações aritméticas básicas. Outros, que conseguem ler textos curtos, mas não conseguem extrair informações esparsas no texto e não conseguem tirar uma conclusão a respeito do mesmo. E por fim, aqueles que detêm pleno domínio da leitura, escrita, dos números e das operações matemáticas (das mais básicas às mais complexas), que são minorias.(VUOLO,2014)

O Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, criaram e implementaram o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF).A pesquisa do INAF é

realizada por meio de entrevista e teste cognitivo aplicado a partir de amostra nacional de 2.000 pessoas, representativa de brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos de idade, residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país. Na sua última edição, o período de campo ocorreu entre dezembro de 2011 e abril de 2012. Segundo essa pesquisa o percentual da população alfabetizada funcionalmente foi de 61% em 2001 para 73% em 2011, mas apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática. Os resultados mostram que durante os últimos 10 anos houve uma redução do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar e um incremento do nível básico de habilidades de leitura, escrita e matemática. No entanto, a proporção dos que atingem um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterada, em torno de 25%. (INAF, 2014)

A leitura é condição essencial para a compreensão do mundo e de todo seu entorno, mas principalmente para o autoconhecimento. Para escrever e inserir-se habilmente no mundo da escrita, há que se desenvolver para além da simples decodificação de palavras. As habilidades linguísticas estão no entendimento do texto, do contexto, e também das entrelinhas. A experiência da leitura torna-se ainda mais completa quando além disso, o leitor apreende para quem e por que o texto foi escrito, para quem ele foi direcionado. (Kato, 1990). Não é tarefa fácil. Além de a língua ser um sistema complexo, as estruturas internas que possibilitam ou não sua apreensão formal pode ser ainda mais difícil e ininteligível.

Entende –se por língua um sistema interação verbal, que se faz através de textos ou discursos, falados ou escritos. Seu objetivo é a comunicação e para que essa aconteça é preciso que haja a interlocução entre os sujeitos. Entende-se assim que qualquer proposta de ensino de língua deve priorizar além dos sujeitos, os contextos sociais, com sua diversidade de funções e sua variedade de estilos e modos de falar. Para estar de acordo com essa concepção, é importante que haja um emprego reflexivo, priorizando o desenvolvimento de capacidades necessárias às práticas de leitura e escrita, mas também de fala e escuta compreensiva em situações públicas (a própria aula é uma situação de uso público da língua) debruçando assim uma perspectiva de aprendizagem centrada em automatismos e reproduções mecânicas. (BRASIL, 2006).

De acordo com Cook-Gumperz e Gumperz (1981, apud GALVÃO E BATISTA, 2006), existem três grandes momentos na história humana, quando se trata a relação entre oralidade e escrita. O primeiro teria se caracterizado por uma grande distância entre oralidade e escrita, já que somente um pequeno grupo de pessoas,

nessa fase, tinha acesso à alfabetização. Para os autores, até aproximadamente o século passado, o letramento tinha um status de “habilidade artesanal”, nesse período, essa atividade ocorria mais em âmbito familiar, nas relações próximas e havia um distanciamento entre a língua falada e a língua escrita.

Em um segundo momento, ainda segundo Cook-Gumperz e Gumperz (1981, apud GALVÃO E BATISTA, 2006), em grande parte trazido pela urbanização e industrialização, a escrita passou a ser vista, predominantemente, como um registro da oralidade. Nesse momento, as narrativas orais passaram a ser divulgadas sistematicamente pela escrita e o acesso maior a elas, através da politização, participação popular, levantes em busca de democracia, fizeram paulatinamente as tradições orais serem substituídas pela escrita. Era o prenúncio da modernidade e da era da informação. Reforma Protestante, invenção da imprensa, foram grandes marcos para isso. A rapidez com que as coisas aconteciam precisam de um veículo mais rápido que a oralidade. A escrita era forma mais rápida de se comunicar

No terceiro momento Cook-Gumperz e Gumperz (1981, apud GALVÃO E BATISTA, 2006), trazem as atribuições da escola com o letramento e o surgimento de novas configurações sociais. As funções do letramento se transformaram, a partir dos requisitos impostos pela especialização técnica, nos diversos domínios da vida humana. De acordo com Galvão e Batista (2006):

As mudanças também atingiram desse modo os sistemas de educação, delegando novas funções para a escola, que se tornaram ao mesmo tempo agentes de socialização e instrumentos quase exclusivos de seleção de oportunidades econômicas. As sociedades modernas, ao mesmo tempo em que tornaram o letramento essencial para a sobrevivência econômica, incrementaram novamente a dicotomia entre fala e escrita (GALVÃO E BATISTA, 2006,p.409).

Dessa forma, entende-se que há toda uma construção anterior a esse distanciamento atual entre escrita e oralidade e que o entrave com a leitura passa de uma questão simplista e preconceituosa para o entendimento de questões mais amplas num contexto anterior e que por diversos fatores também atuais, tem se agravado na contemporaneidade.

1.2 A LEITURA COMO TRANSFORMAÇÃO PESSOAL; BASE PARA A MUDANÇA PROFISSIONAL.

Dentro do contexto de uma Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que lhe proporcionou autonomia, a escola precisa organizar sua rotina proporcionando tempo e espaço para que a formação contínua aconteça cotidianamente. Sem querer defender o discurso de responsabilização do professor, ou defender que esse já tão maltratado pelo sistema venha a fazer milagres e compensações. A realidade não pode ser banalizada. É uma questão de vivência e sobrevivência pois passa pela qualidade vida no trabalho, uma vez que este espaço de produção de saberes favorece a reflexão, tanto pessoal, quanto profissional. Esse espaço é real e concreto, o profissional docente exerce seu direito de intervir nessa realidade e convocar, todo o corpo escolar a umas práxis diferenciada, apoiado nos princípios de gestão democrática, Uma prática de letramento revitalizada de inovações e com autonomia certamente vai fazer a diferença em todo o contexto da escola e da comunidade. O papel do professor aqui assume grande importância pois precisa exercer seu papel de mediador entre os sujeitos e o objeto de conhecimento, colocando o aluno como sujeito e não objeto do processo educativo, afirmando sua capacidade de organizar a própria aprendizagem em situações didáticas planejadas, em um processo interativo, partindo da realidade desses alunos.

[...] o conhecimento do professor não é meramente acadêmico, racional, feito de fatos, noções e teoria, como também não é um conhecimento feito só de experiência. É um saber que consiste em gerir informação disponível e adequá-la estrategicamente ao contexto da situação formativa [...]. É um saber agir em situação. (ALARCÃO, 1998, p. 104).

Freire alertava que a palavra - instrumento de poder e transformação - contribui para que o indivíduo se perceba a si mesmo, assim, a linguagem passa a ser mecanismo de cultura, pois "educador e educando são sujeitos no processo: o primeiro aprende com a aprendizagem do segundo e este descobre o seu universo sobre a orientação daquele - sem qualquer atitude paternalista." (SOTO, 1993, p.3).

Esse poder na escola é conferido ao professor. Ele detém o poder de transformar as aulas em potenciais criativos e motivadores e também pode transformá-las em circunstâncias sem brilho e sem nexos para o aluno. Há que ter formação e bom senso para mediar.

SANTANA (2012) afirma que

É relevante então, não transformar aulas de leitura, em práticas de decodificação ou de tratar o ato de ler com espontaneísmo, autorizando qualquer possibilidade interpretação/compreensão textual. O educador é, portanto, responsável pela mediação de propostas de leitura produtivas. (SANTANA (2012)

Porém, e aqui está um dos principais entraves, apesar de todos os esforços no sentido de qualificar o professor para a alfabetização e o letramento, o panorama atual está muito aquém do ideal. Os próprios programas propostos pelo governo não se dão conta que há uma confusão entre teoria e atividades propostas, na área de alfabetização e linguagem. Um exemplo disso é a proposta do Pró Letramento que foi abraçada por boa parte dos municípios brasileiros.

A riqueza teórica do material contém propostas de autores defendem concepções diferentes, embora relacionais, que se inserem em três modelos teóricos que fundamentam os estudos sobre o ensino da leitura e escrita. A diversidade da formação e origem acadêmica desses profissionais trazem atividades de reflexão e análise e também de intervenção com o intuito de orientar os professores, embasando-os em sua vivência sobre temas específicos do ensino fundamental ajudando-os na elaboração de estratégias metodológicas. Essas propostas misturam aquelas concepções que permearam o meio acadêmico nos anos 80/90 no Brasil: construtivismo”, “interacionismo” e “letramento”.

A formação continuada do professor é um desafio que deve anteceder à questão do letramento. É nessa formação, prevista por lei, que devem-se buscar os pressupostos que atenda às exigências sociais do contexto que a envolve. A qualificação docente é, pois, atualização que exige uma reflexão sobre si mesma. A escola precisa ter como foco um ensino e uma aprendizagem que levem o aluno a aprender; a pensar; a construir a sua própria linguagem e a se comunicar; a usar a informação e o conhecimento para ser capaz de viver e conviver num contexto de mudança constante. Isso exige que a formação e a atuação do educador sejam necessariamente direcionadas para um novo paradigma de educação. E tudo isso passa sem dúvida pela formação do docente. Somente assim a escola cumpre sua função social.

Para (Perrenoud, 2000), pensar a prática pedagógica significa pensar a profissão considerando a autonomia e a responsabilidade conferidos ao professor, individual ou coletivamente. Segundo o autor, a formação de professores deve ser

prático-reflexiva, capaz de auto-observação, auto avaliação e auto regulação. Ao invés de uma educação para a informação, precisamos de uma educação que aborde o aspecto emocional e uma educação da mente profunda.

Ao exigir que os docentes sejam profissionais competentes, prontos, pela sua formação a criar ambientes de aprendizagem, que colaborem para o desenvolvimento da cidadania e autonomia de indivíduos que pensam por si mesmos e que estabelecem relações de reciprocidade e interação, o governo precisa definir em suas estratégias que a formação do professor está diretamente relacionada à qualidade da educação. E essa qualidade de educação passa por uma escola ativa, autônoma, prazerosa, onde hajam significados na atuação de todos os sujeitos do processo.

De acordo com Imbérnon (2006, p.80) o trabalho da escola precisa sair das quatro paredes , ele precisa e deve ser mostrado, compartilhado , socializado, despertando assim a consciência de equipe , a valorização do trabalho em conjunto e principalmente nos parâmetros de uma sociedade altamente individualista mostrar o valor do compartilhar as aprendizagens significativas.

Para Kleimann (2006) a escola constitui o mais importante espaço de letramento. Sem desmerecer o trabalho das demais agências,(família, igrejas, rua, local de trabalho) é na escola que o indivíduo se apropria dos códigos alfabéticos e numéricos de forma organizada e formal. E nos usos desses códigos ele se apropria de uma conduta social que lhe possibilita a cidadania Não somente formação inicial, nem tampouco formação continuada, poderão dar conta da demanda da aprendizagem e dessa socialização referida. É preciso planejamento, cooperação, empenho e dedicação para fazer diferente. É no espaço escolar, que, obrigatoriamente, teoria e prática devem se abraçar.

O professor preparado, consciente, reflexivo, competente e criativo, certamente articulará atividades significativas que possibilitem o aluno a utilizar e desenvolver sua capacidade cognitiva e metacognitiva, pois consciente de seu próprio processo terá a leitura e a linguagem, compreendidas como lugar de interação humana e social, e a si e ao outros envolvidos nesse processo como agentes sociais em aprendizagem e transformação e não como receptáculos de informações.

Entende-se assim que para que a aprendizagem da leitura e escrita evoluam para o desenvolvimento do sujeito, seu aqui e agora tem de ser respeitado e valorizado. Seus conhecimentos prévios de mundo e de linguagem devem ser vistos não como síntese do passado, mas como proposta de contribuição para leituras futuras.

Assim, a leitura sendo vista enquanto a imersão no contexto social da linguagem e da aprendizagem, através da interação com o outro e não como ato isolado de um indivíduo diante da escrita do outro indivíduo, leitor e autor, sujeitos com suas respectivas histórias de leituras de mundo, são responsáveis pela construção de transformações a partir da tomada de consciência da importância de ser cidadão no mundo e do mundo. E o professor é peça fundamental nessa conquista, desde que sejam viabilizados os caminhos e que ele também os tornem viáveis.

A educação comprometida com a cidadania é aquela que possibilita ao homem a redescoberta de seus próprios valores e o encontro com outros a caminho da libertação e do desenvolvimento de suas competências e habilidades na direção do ser integral e holístico, consciente de ser produto e produtor de cultura, faz uso dessa tecnologia (conhecimentos/ aprendizagens) para agir no e sobre o mundo, tornando um elemento transformador da sociedade em que vive.

Desse modo, a educação deve superar o conceito restrito de que alfabetizado é “o indivíduo capaz de ler e escrever um bilhete simples”. Estar alfabetizado é interagir a vida de qualquer cidadão a condição de leitor, escritor e comunicador, bem como garantir o acesso a outros conhecimentos que ampliem sua inserção crítica e participativa na sociedade. E por essa razão, as políticas de alfabetização precisam envolver ações permanentes e sistemáticas relacionadas a programas de educação básica de maneira a garantir sua qualidade.

Na ação educativa, o papel do educador vai além da docência, abrem as portas para a reciprocidade e o compromisso, que estão incorporados nas pessoas, nos grupos e nas organizações, em termos de sabedoria, arte, cultura e tecnologia, possibilitando-lhe o estabelecimento de uma relação pedagogicamente qualificada com o mundo natural e humano que o rodeia, exercendo uma influência positiva sobre os alunos e preparar para a vida.

1.3 LEITURA POR PRAZER: INÍCIO DE UMA MUDANÇA PESSOAL.

Marcel Proust (1871) já dizia que “Não há talvez dias da nossa infância que tenhamos tão intensamente vivido como aqueles que julgamos passar sem tê-los vivido, aqueles que passamos com um livro preferido.” Na sua obra *O Prazer da Leitura*, Proust destaca por exemplo a leitura em voz alta como um gesto carinhoso da mãe, ou ainda a leitura como proposta terapêutica. Além de um ato intelectual, psicológico e solitário.

A leitura não poderia ser assimilada a uma conversação, mesmo com o mais sábio dos homens” porque existe uma diferença marcante entre um livro e um amigo, pois na leitura recebemos “a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente.” (PROUST, 1991, p. 26, 27).

Ele concede assim propriedades medicinais à leitura individual. Pois a leitura para esse autor é um estímulo benéfico à atividade criadora, posto que a mesma não é passividade e sim a busca de algo que poderia tornar o leitor mais forte, haja vista que, como ser humano, é suscetível ao desânimo. Não obstante tenha apontado a leitura como uma disciplina terapêutica, seu direcionamento é para inserir o indivíduo na vida espiritual:

Há, contudo, certos casos patológicos, por assim dizer, de depressão espiritual para os quais a leitura pode tornar-se uma espécie de *disciplina curativa* e se encarregar, por incitações repetidas, de reintroduzir perpetuamente um espírito preguiçoso na vida do espírito. Os livros desempenham então um papel análogo ao dos psicoterapeutas para certos neurastênicos. (PROUST, 1991, p. 33.)

Para Proust (1991, p. 28) o agente interveniente na saúde do leitor é o autor do texto literário que estimulou o espírito preguiçoso do primeiro, levando-o a criar e, assim, a se curar. Ressalta ainda que a leitura é um “milagre profundo de uma comunicação no seio da solidão.” Ora, se é comunicação, exige um outro. Se me comunico com o outro, me descentro. Para além de uma atividade mental e intelectual, a leitura para esse autor é uma atividade espiritual.

Bakhtin (1992 b, 112) diz que não é a atividade mental que organiza a expressão, mas é a linguagem que organiza a atividade intelectual. Assim, ao se materializar em forma de signos, a consciência adquire um poder transformador e,

partindo do coletivo, do social, ela se individualiza e se constrói, e a língua se desenvolve. O processo de transformar coisas alheias em pessoais permite uma reelaboração pessoal das palavras dos outros, e seria dialógico, polissêmico e polifônico por constituir-se numa comunicação verbal colocada numa determinada condição de produção, manifestando-se sempre em interações sociais e só podendo ser compreendido numa relação entre locutor e interlocutor.

A teoria de Iser(1996) defende que o ato da recepção considera que a leitura é resultado de um diálogo entre o texto e a bagagem cultural do leitor e de que sendo este uma construção textual, a sua interpretação está prevista pelo texto.

Deste modo, a comunicação ocorre num processo entre o eu e o outro, por meio de um enunciado, que é interpretado e depois reconstruído. Bakhtin (1992 b, p. 325) argumenta que toda palavra é responsiva porque vem de alguém para alguém, e todo enunciado é elaborado para ser respondido numa determinada esfera humana, seja ela escolar, religiosa, familiar, etc.

Quando se lê um gênero, a relação escritor-leitor está presente desde o momento inicial de sua produção, trazendo uma preocupação com o seu destinatário, mobilizando-se estratégias que facilitem a comunicação. O outro também surge no diálogo que todo texto tem com outros textos. Depois, o texto se atualiza no ato de leitura por um leitor capaz de entendê-lo por meio das marcas lingüísticas que lhe são fornecidas, selecionando a interpretação pertinente, o que dá ao texto várias possibilidades de sentido (BRANDÃO, 2005, p. 270), pois ele é sempre reticente, apresentando vazios (ISER, 1979). No entanto, o texto possui uma organização interna trazendo uma significação articulada, e para tanto é preciso haver uma relação entre liberdade de interpretação e fidelidade ao texto criado (FARIA,1997, p.31).

Numa visão psicolingüística, o processo da leitura compreende decodificação, compreensão, interpretação e retenção. De acordo com Menegassi (1995) “a compreensão, etapa posterior à decodificação, mas imediatamente interligada, ocorre quando o leitor capta do texto as informações que ali se oferecem” (p.87). É importante ressaltar, segundo o autor que a decodificação não faz uma etapa dispensável nesse processo, pelo contrário é a etapa inicial.

Ainda com base em Menegassi (1995) destacamos que a compreensão se dá

em três níveis diferentes, sendo estes o nível literal, inferencial e interpretativo. O nível literal de compreensão se dá quando o leitor foca-se no texto e o nível inferencial de compreensão seria quando são feitas incursões no texto, retirando informações que nem sempre estão em nível superficial. Já o nível interpretativo de compreensão “é mais elevado do que os anteriores, esse nível permite que se faça a ligação dos conteúdos que o texto apresenta aos conhecimentos que o leitor possui, dando início à terceira etapa do processo de leitura” (MENEGASSI , 1995, p.88).

Depreende-se aqui que mundo é o local onde ocorrem as interações homem-homem e homem-meio social caracterizada pelas diversas culturas e pelo conhecimento. A qualidade da ação docente levanta o debate sobre a Formação Continuada dos professores que tem como objetivo a busca de caminhos e procedimentos que envolvam os educandos ao longo de seu trabalho se tornarem alfabetizados e letrado.

Assim, reconhece que a educação, como direito social, constitui-se um bem cultural por excelência, uma vez que representa um instrumento privilegiado de humanidade tornando marca da identidade e como ser de linguagem, de significados, de místicas e de cultura. O homem com poses ao processo educativo tem a habilidade de alcançar condições dignas e igualitárias de cidadania, no exercício consciente dos seus direitos e de suas responsabilidades sociais e políticas.

O professor é convocado diariamente a um fazer metodológico variado, flexível e disponível às mudanças, sem perder, porém os aspectos tradicionais que a profissão impõe. À formação em serviço com conteúdo direcionados à praticas reflexivas, engajamento, socialização, partilha de saberes, compromisso, enfim e sobretudo com o conhecimento e práticas articuladas entre o conhecimento gramatical e as novas práticas do ensino de leitura e ainda assim congregando princípios que respeitem a diversidade sócio-cultural e lingüística é a proposta que se faz ao professor contemporâneo.

Nos Parâmetros Curriculares o processo de aprendizagem está descrito como:

A tarefa consiste então em re-significar a unidade entre aprendizagem e ensino. (...) O conceito de conhecimento para o qual convergem as teorias contemporâneas aproxima-se cada vez mais da ideia de que conhecer é construir significados. (...) Hoje, graças ao avanço significativo da investigação científica na área da

aprendizagem tornou-se possível interpretar o erro como algo inerente ao processo de aprendizagem. (...) O processo de ensino e aprendizagem constitui-se em uma unidade indissolúvel.” (1, 9-11)

Nesse sentido, o professor enquanto profissional pesquisador em ação toma por perspectiva, no ensino de língua, estudar as relações que se constituem entre sujeitos no momento em que falam do que, apenas atrelar-se aos conteúdos gramaticais. Assim, a alteração da proposta do ensino de língua portuguesa considera mudanças não só metodológicas, mas, de diversificação de conteúdo como a inclusão dos gêneros literários , por exemplo.

O professor preparado, consciente, reflexivo, competente e criativo, certamente articulará atividades significativas que possibilitem o aluno a utilizar e desenvolver sua capacidade cognitiva e metacognitiva, pois consciente de seu próprio processo terá a leitura e a linguagem, compreendidas como lugar de interação humana e social, e a si e ao outros envolvidos nesse processo como agentes sociais em aprendizagem e transformação e não como receptáculos de informações.

Entende-se assim que para que a aprendizagem da leitura e escrita evoluam para o desenvolvimento do sujeito, seu aqui e agora tem de ser respeitado e valorizado. Seus conhecimentos prévios de mundo e de linguagem devem ser vistos não como síntese do passado, mas como proposta de contribuição para leituras futuras. Assim, a leitura sendo vista enquanto a imersão no contexto social da linguagem e da aprendizagem, através da interação com o outro e não como ato isolado de um indivíduo diante da escrita do outro indivíduo, leitor e autor, sujeitos com suas respectivas histórias de leituras de mundo, são responsáveis pela construção de transformações a partir da tomada de consciência da importância de ser cidadão no mundo e do mundo. E o professor é peça fundamental nessa conquista, desde que sejam viabilizados os caminhos e que ele também os tornem viáveis.

Sendo assim, o percurso aqui descrito trata de conhecimentos técnicos estruturados mas trata também de inquietações quanto ao fazer metodológico de quem na posição de professora de Língua Portuguesa busca solucionar alguns impasses na questão da leitura para além de uma atitude impositiva, mas para uma sensibilização para o fomento de um hábito prazeroso , reflexivo e crítico.

Mas também de quem na posição de coordenador pedagógico é consciente

de seu papel, da importância de sua formação continuada e da equipe docente, além de manter a parceria entre pais, alunos, professores e direção, favorecendo a construção de um ambiente democrático e participativo, onde se incentive a produção do conhecimento por parte da comunidade escolar, promovendo mudanças atitudinais, procedimentais e conceituais nos indivíduos.

Proust (1991) considera a leitura ato psicológico, exercício individual, amizade, distração, gosto, divertimento, viagem, disciplina curativa, estímulo, iniciadora da vida do espírito, enfim, uma alavanca poderosa para despertar o imaginário, solidificar pensamentos, suprimir a fadiga.

Além disso, destaca o efeito estético que a experiência da leitura produz no leitor ao dizer que “sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos”; esses desejos que o autor desperta no leitor somente são possíveis porque o texto literário é uma obra de arte e, como tal, inspira “incitações”, pois, “é no momento em que eles nos disseram tudo que podiam nos dizer que fazem nascer em nós o sentimento de que ainda nada nos disseram.” (PROUST, 1991, p. 30-31).

A leitura individual, então, pode ser aproveitada no recôndito das bibliotecas, no sofá da sala sob a luz generosa de um abajur, ou, ainda, com o apoio de travesseiros no leito, usufruindo o conforto da solidão física que apazigua nosso corpo sofrido. Ora, quantas vezes não buscamos na leitura solitária conforto para as angústias? Não nos sentimos aliviados e revigorados depois de tal exercício? Isso acontece porque não estamos, de fato, sozinhos: a presença marcante, porém discreta do outro – a personagem ficcional – garante que desfrutamos de companhia, que saímos de nosso centro e invadimos o espaço do outro. É essa intercorporeidade, esse descentramento que permitem que a leitura, mesmo a solitária, seja terapêutica.

É essa leitura que permite ao professor além de ser aquele que incentiva a leitura de forma automatizada e obrigatória que está incluída em seu papel de formador, ser aquele que reverbera em suas atitudes a leitura como uma postura individual e expressa em todo o seu ser corporeamente como ressalva Proust.

2 CAPÍTULO II

A LEITURA COMO PRINCÍPIO FORMADOR NA VIDA DO PROFESSOR: DESAFIOS E EXPECTATIVAS.

O ensino na Formação de Docentes busca uma sólida fundamentação teórica que resulte numa instrumentalização técnica de seus educandos, mas esbarra nas dificuldades desses, que os impede terem uma s formação docente. Entretanto, é preciso propostas de mudanças para a Formação de Docentes e não meras reformas que são como remendos que nada alteram, e são por excelência, ações “antidialéticas”. Conforme Pimenta (1990, p.20): O fracasso da escola pública de ensino fundamental é explicado, entre outros, pelo fracasso do Curso de Formação de Docentes, que não tem conseguido formar professores capazes de proceder às alterações necessárias na organização escolar de forma a melhorá-la. Então, começar por quem ensina, pode ser um caminho adequado para a transformação da educação brasileira e conseqüentemente para uma sociedade mais justa e democrática. A leitura no processo de formação docente encontra-se num descompasso, pois muitos dos estudantes chegam ao curso de Formação de Docentes com grande precariedade leitora, que provoca um desconhecimento de alguns vocábulos encontrados em livros de Educação.

Outro grande problema é a questão do gostar de ler. Para ensinar ou incentivar seu aluno a ler o professor precisa antes de tudo gostar de ler. O professor leitor, não é facilmente encontrado nas escolas brasileiras. As políticas de formação de leitores devem atentar para essa questão, para poder garantir, assim, um ensino de qualidade. Infelizmente os educadores demonstram dificuldades para adquirir e manter o hábito da leitura. Mesmo os professores de literatura e da área da língua portuguesa nem sempre são leitores bastante freqüentes. O professor assim têm uma intermitência de leituras por várias razões, que não são irrelevantes: falta de tempo, falta de oportunidade, uma má formação como leitor.

De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, em 2011, O perfil docente é muito semelhante ao do leitor brasileiro, a análise em separado das respostas dadas pelos participantes que se identificaram como educadores confirma a impressão de que nossos professores

são não leitores e só 30% deles dizem que gostam de ler. Por ser o professor um formador de hábitos, o número da pesquisa embora não abrangente é preocupante pois o docente é o principal influenciador dos hábitos de leitura ao lado da família, e quando se pergunta ao aluno geralmente quem mais o influencia ele geralmente é o mais citado ao lado dos pais como influenciador do hábito.

Porém se formos também analisar o perfil de origem desse professor vamos encontrar nele a origem de uma família não leitora, de baixa escolaridade, que não tem livros na sua casa, que trabalha o dia todo e não tem tempo para o lazer e a leitura, o que acaba reforçando o papel da escola na formação de leitores.

2.1 POTENCIALIDADES DA LEITURA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR.

De acordo com Zibermman (2011) Se o professor não é leitor, ele não vai formar leitores. "Um professor de artes não precisa ser um artista, mas deve apreciar arte. O mesmo vale para o professor da área de línguas em relação à leitura de obras literárias."

Entende-se aqui que a formação continuada apresenta-se como fator relevante para uma atuação repleta de significação, possibilitando ao educador maior aprofundamento dos conhecimentos profissionais, adequando sua formação as exigências do ato de ensinar, levando-os a reestruturar e aprofundar conhecimentos adquiridos na formação inicial. O professor que participa de atividades de formação continuada pode refletir sobre suas práticas e trabalho diário.

Além disso, o processo de formação contínua de professores lhes possibilita ter consciência das delimitações da ação pedagógica bem como a busca de autonomia. A formação continuada apresenta-se então como um processo inacabado próprio da formação de um profissional às exigências do exercício de sua profissão.

Assim sendo, o educador que dominar uma série de saberes, capacidades e habilidades que o fizerem competente no exercício da docência pode ser considerado um profissional. Nesse sentido, afirma Sacristón (1995, p. 63) "Entendemos por profissionalização a afirmação do que é específico na ação

docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor.”

Para uma melhor compreensão do processo histórico da profissionalização docente, Nóvoa (1995) propõe um modelo de análise dividido em 4 (quatro) etapas; a primeira etapa esta inserida no contexto do século XVIII, onde ocorre o enquadramento do professor como corpo profissional, a educação deixava então de ser campo exclusivo de atuação dos religiosos, como os jesuítas nos séculos XVII e início do XVIII; a segunda etapa engloba o final do século XVIII, onde já não era permitido ensinar sem a autorização do Estado, o professor passa então a ter direito exclusivo de intervenção na área da educação; a terceira etapa apresenta-se como sendo decisiva para o processo de profissionalização, pois nesta época surgem as escolas normais, representando uma vitória para o professorado; já a quarta e última etapa corresponde a tomada de consciência dos interesses dos docentes como grupo profissional, ocorrendo então a adesão desse grupo às associações profissionais.

Observa-se então que a afirmação profissional dos professores como um percurso repleto de lutas e conflitos, na qual o campo educativo vai gradualmente deixando de ser ocupado por diversos agentes (igreja, estado, dentre outros) e passa a ser responsabilidade principal do educador, como pode ser observado na atualidade; o que lhes atribuem um papel de maior importância ainda, merecendo então constante ressignificação de suas práticas a serem desenvolvidas.

A profissionalidade docente engloba então comportamento, conhecimentos, atitudes e valores do educador que são próprios da profissão de professor, para o professor ser considerado profissional ele precisa dominar uma série de saberes, capacidades e habilidades que o tornam competente no exercício da docência. Portanto promover a profissionalização docente não é fácil, visto que envolve muitas pessoas com perfis e interesses diferentes; o governo, por exemplo, é a favor da profissionalização objetivando uma elevação no índice de aprendizado dos alunos, já os educadores buscam através da profissionalização satisfação pessoais; promover a profissionalização do educador tem ainda fortes implicações financeiras, pois é preciso constantes investimentos para a promoção de uma contínua aprendizagem.

A profissão docente realiza-se em ações práticas e exige fundamentação teórica; para a construção desta profissão é essencial a existência de um “tripé da

profissionalização”, ou seja precisa haver uma formação inicial sólida, formação continuada de acordo com as exigências da sociedade e uma carreira que atenda as expectativas do profissional, fazendo sentir-se realizado.

Atualmente tornar-se professor, dá-se num processo dinâmico de construções de significados referentes à educação, ao ensino e à aprendizagem, destacando-se, neste processo, a importância da formação inicial e continuada, articulada com a realidade sócio-educacional, fazendo com que o educador domine uma série de saberes, capacidades e habilidades que o tornam competente no exercício da docência, podendo então ser considerado profissional da educação.

2.2 LEITURAS, FORMAÇÃO, REFLEXÃO – A TRÍADE PARA A MUDANÇA NA/DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Sabe-se que a formação do sujeito leitor tem fomentado muitos debates e proposições no âmbito escolar, isso porque se percebe fortemente o estado de crise em que se encontra a leitura. Segundo Maia (2007) tal crise não pode ser desvinculada da crise da escola, até mesmo porque, em grande parte é no espaço educativo onde o trabalho com a leitura se dá de 2 formas mais sistematizada e onde se encontram os principais sujeitos no processo de formação de leitores: o professor e o aluno. A questão da leitura tem sido objeto de análise desde o final da década de 1970 quando se convencionou a denominar o problema de “a crise da leitura”. Alguns autores utilizam tal termo em suas produções como Zilberman (1991) e Silva (1985). A crise da leitura instaurada no processo de formação de professores traz à luz a problemática de uma formação leitora deficiente dos futuros professores. Vale ressaltar que estes são educandos que passaram pelos anos escolares com práticas de leituras focadas na obrigatoriedade. Para tanto, é necessário se pensar na formação de professores leitores, capazes de instrumentalizarem seus educandos e, sobretudo, formarem novos leitores. Quando no processo de ensino-aprendizagem da língua materna se reproduzem práticas pedagógicas mecanicistas-pragmáticas, não se contribuem para a formação leitora e sim para sujeitos resistentes a sua prática, pois, nesse contexto, o ensino da leitura é voltado a uma finalidade, isto é, para responder questões como “quem é o autor?”, “quem é a

personagem principal” ou “qual a ideia central do texto”. Para que se construa a habilidade leitora, faz-se necessário que a leitura não seja utilizada como pretexto, pois esse mecanismo de trabalho pedagógico entrava a relação leitura informação-conhecimento-prazer, tão importante na constituição de um sujeito leitor. Nessa conjuntura, o trabalho de conscientização, de questionamento e de libertação dos alunos é ignorado.

Segundo Pedro Demo, grande sociólogo da área de educação, o grande desafio do professor no século XXI, é ser reconstruído. Cuidar do professor, arrumar uma pedagogia na qual ele nasça de uma maneira diferente, não seja só vinculado a dar aulas. Cuidar do professor precisa fazer parte do projeto político pedagógico da escola, tanto quanto cuidar do aluno, pois além de toda carga psico-social e emotiva que o ser professor impõe, há ainda que se lidar com uma nova linguagem (a tecnológica), para a qual ele não foi preparado e que por vezes está aquém do seu aluno.

A pedagogia precisa inventar um professor que já venha com uma cara diferente, não só para dar aulas e que seja tecnologicamente correto. Que mexa com as novas linguagens, que tenha blog, que participe desse mundo – isso é fundamental. Depois, quando ele está na escola, ele precisa ter um reforço constante para aprender. É preciso um curso grande, intensivo, especialização, voltar para a universidade, de maneira que o professor se reconstrua. (DEMO,2009,p.23)

Ainda acerca a questão do aprendizado contínuo do professor Demo ressalta aquilo que, a necessidade do próprio professor construir seu material didático, uma vez que os livros não acompanham a linguagem tecnológica em termos de tempo, ficando por vezes obsoletos em relação à ela. E esse fazer do professor só pode acontecer de posse de leitura .

Nesse sentido Zimmermam (2011) afirma que o desafio imposto às redes de ensino que assumem para si a tarefa de fazer da escola um lugar de formação de leitores é, primeiro, fazer com que os professores passem à categoria de leitores. De certa forma, as estratégias não diferem muito das que devem ser adotadas entre os estudantes: é preciso oferecer livros e criar momentos para que a leitura seja praticada de forma prazerosa e significativa. Ainda segundo essa pesquisadora trata-se de racionalizar iniciativas de forma a aproveitar aquilo que a escola já pode oferecer para os alunos e para os professores. Não requer muitos investimentos, pois existe já o Plano Nacional Biblioteca da Escola e o próprio Plano Nacional do

Livro Didático, que podem ter ações voltadas tanto para o professor quanto para o aluno. O professor é, ao mesmo tempo, interessado, parceiro e beneficiário dessas atividades. O que não pode e não deve ocorrer é que o professor tenha que pregar algo tipo : “Você precisa ler, “ quando ele próprio não o faz, ou pior, não gosta nem ao menos de ministrar as aulas que dá. Parece incrível atualmente , mas ainda se ouve coisa do tipo, fiz Letras, o(ou outro curso na área do Magistério) por falta de oportunidade de fazer algo melhor.

Mas há que lembrar-se aqui que além da leitura do livro tradicional é preciso que o professor esteja atento às novas modalidades de leitura que a sociedade traz. É difícil e complicado para o professor seja ele de Português ou outra disciplina qualquer competir com a mídia e as novas tecnologias ao que Demo ressalta:

As novas alfabetizações estão entrando em cena, e o Brasil não está dando muita importância a isso – estamos encaixados no processo do ler, escrever e contar. Na escola, a criança escreve porque tem que copiar do quadro. Na internet, escreve porque quer interagir com o mundo. A linguagem do século XXI – tecnologia, internet – permite uma forma de aprendizado diferente. As próprias crianças trocam informações entre si, e a escola está longe disso. Não acho que devemos abraçar isso de qualquer maneira, é preciso ter espírito crítico - mas não tem como ficar distante. A tecnologia vai se implantar aqui “conosco ou sem nosco”. (DEMO,2011,p.23)

Nesse sentido, o professor por ser tecnologia insubstituível na escola precisa se reafirmar, acompanhando as mudanças, sem deixar-se cair nos abusos que principalmente a internet apresenta em maior parte para o português, mas mediando, fortalecendo e aproveitando os recursos que a tecnologia oferece para facilitar seu trabalho. Isso requer empenho, disponibilidade em ver o novo e predisposição a aprender interagindo. Facilmente encontramos na escola professores que ainda se mantêm distantes dessas novas tecnologias e dessas novas possibilidades de leitura, tanto para a sua formação quanto para a utilização em sala de aula.

2.3 REFLETINDO SOBRE LEITURA E FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A crise da leitura no curso de Formação Docente é igualmente preocupante, pois se acredita que os professorandos, futuramente, exercerão a função de disseminadores da prática leitora e que desenvolverão nos alunos o interesse pela leitura. Portanto, para desempenhar tal função, o professor “precisa gostar de ler

muito, precisa envolver-se com o que lê” (LAJOLO, 2010, p.108) senão seu educando não construirá o gosto pela leitura e a educação deixará de formar sujeitos críticos para formar sujeitos autômatos. Basta vislumbrar a analfabetismo funcional que se constata em grande parte da população brasileira.

Conforme Pimenta (1990, p. 92) A escola precisa traduzir o saber historicamente acumulado em conteúdos escolares a serem ensinados, de modo que os alunos aprendam, deles se apossam como condição do exercício de sua cidadania no processo de transformação da sociedade. A educação escolar tem, pois, uma finalidade sócio-política. Entretanto, como a educação terá a finalidade sócio-política se na formação docente há sujeitos resistentes à prática leitora? Para que a finalidade sócio-política da educação se constitua é fundamental que na formação docente, O professor tenha adquirido uma aguda consciência da realidade e uma sólida fundamentação teórica que lhe permita interpretar e direcionar essa realidade, além de uma consistente instrumentalização para que possa interferir na realidade em que atuará. (PIMENTA, 1990, p.94)

É contraditório, presenciar na Formação de Docentes uma “crise de leitura”, pois é o ambiente formador de novos profissionais da educação. Para que se conheça a futura profissão é necessário ler. O professor deve ter uma atualização permanente; deve reconhecer que as informações são importantes para que saiba concatenar diferentes saberes e, principalmente, que faça o educando aprender. Segundo Andrade (2007, p.11) é fundamental que o professor tenha a leitura e a escrita como “práticas incorporadas em seu horizonte de experiências cotidianas”. O professor que não lê, pratica engodo, pois tem o dever de formar novos leitores; porém, se ele mesmo não possui a prática leitora, seus alunos conseqüentemente não gostarão de ler. E para concluir, segundo Freire (1987, p.82): A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança.

A heterogeneização da sociedade em todos os aspectos, que conseqüentemente atinge a educação, frutos de uma globalização crescente, diminui o poder da homogeneização contida nas muitas ideologias institucionais, altera e diversifica as instituições os atores sociais e conseqüentemente as

disciplinas (as letras vernáculas) vão se enquadrar a essa nova realidade, ou melhor vai buscar ainda seu enquadramento nesse ínterim

Pensar nessa necessidade nos remete a tratar da formação dos professores no espaço escolar, bem como à necessidade de reflexão desses profissionais. E falar de professores reflexivos é imaginar que, apesar de existirem certas atitudes pessoais nos professores, há todo um conjunto de destrezas ou habilidades que os professores precisam dominar para concretizar o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a proposta de uma formação em serviço, integrando situações de formação continuada e situações de trabalho, desenvolvida a partir de experiências parte do pressuposto de que, ao vivenciar situações que integram reflexão, investigação e ação, “o profissional muda, mudando o contexto em que trabalha” (GIOVANNI,2003, apud BARROSO,2003, p. 213).“Trata-se de reconhecer o potencial formativo das situações de trabalho”. Portanto, o autor reconhece que aprendizagens profissionais não são somente um resultado da situação de trabalho e do exercício da profissão. Ela destaca alguns elementos essenciais que precisam estar presente na formação dos educadores: Intencionalidade do processo.;Produção do conhecimento;A dimensão coletiva;Caráter prospectivo.;Pensar simultaneamente formação dos professores e gestão da escola;Aprendizagens e mudanças também para escola;Trabalhar sobre a forma de projetos

Ressalta-se aqui ainda, a necessidade de expressarmos a nossa compreensão de escola, bem como nossa defesa dos professores como intelectuais transformados e transformadores.

[...] existe uma necessidade de defender as escolas como instituições essenciais para a manutenção e desenvolvimento de uma democracia crítica, e também para a defesa dos professores como intelectuais transformadores que combinam a reflexão e prática acadêmica a serviço da educação dos estudantes para que sejam cidadãos reflexivos e ativos (GIROUX, 1996,p.158, apud Barroso, 2003).

Assim, é importante destacar a necessidade de pensarmos acerca do conteúdo da reflexão. Isabel Alarcão (1996) preocupa-se com o indiscriminado emprego do conceito de reflexão. Segundo ela, é preciso estar atento sobre as atividades de formação de professores que se servem indevidamente do conceito. Geralmente,

segundo Alarcão (1996), os autores estabelecem três níveis distintos de análise da realidade circundante: técnica, prática e crítica.

O primeiro nível corresponde à análise das ações explícitas: o que fazemos e é passível de ser observado (andar na sala de aula, fazer perguntas, motivar, etc.)

O segundo implica o planejamento e a reflexão: planejamento do que se vai fazer, reflexão sobre o que foi feito, destacando o seu caráter didático (inclusão do conhecimento prático). Por último, o nível das considerações éticas, que passa pela análise ética ou política da própria prática, bem como das suas repercussões contextuais. Este nível de reflexão é essencial para os educadores para que desenvolvam uma consciência crítica sobre as suas possibilidades de ação e as limitações de ordem social, cultural e ideológica do sistema educativo, bem como para a própria coordenação pedagógica.

Segundo Veiga (1998, p.09), a elaboração do Projeto Pedagógico propicia aglutinar “crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico, constituindo-se em compromisso político e pedagógico coletivo”. O esforço coletivo na elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola tem no seu cerne a finalidade de observar o cumprimento do artigo segundo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), ou seja, “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Para garantir esses desdobramentos é mister identificar as aspirações de seus segmentos, cujas intencionalidades passam a compor este documento que, se elaborado coletivamente, oportuniza a reflexão acerca da complexidade educacional. Assim, a formação de professores é identificada como sendo fator relevante para a preparação de cidadãos conscientes. Muitos estudos vêm sendo realizados sobre o desenvolvimento do profissional professor, trabalhos como este intencionam fazer com que os professores reflitam sobre prática diária.

Nessa perspectiva, a formação continuada possibilita ao docente a aquisição de conhecimentos específicos da profissão, se tornando assim seres mais capacitados a atender as exigências impostas pela sociedade, exigências estas que se modificam com o passar dos tempos, tendo então o educador que estar constantemente atualizado. Pois, conforme, Sousa (2008, p.42):

Ser professor, hoje, significa não somente ensinar determinados conteúdos, mas sobretudo um ser educador comprometido com as transformações da sociedade, oportunizando aos alunos o exercício dos direitos básicos à cidadania. (SOUSA, 2008, p.42)

É preciso que a formação continuada do professor esteja pensada no Projeto Político Pedagógico da Escola e que esse projeto e todos os demais sejam pensados e direcionados no sentido de suscitar a leitura do professor como prerrogativa para a sensibilização da leitura do aluno.

Toda e qualquer ação do professor só se tornará verdadeira para o aluno, se esse vislumbrar na prática do professor, seu grande incentivador, uma pessoa que não apenas manda fazer, mas que faz junto. Um dos mitos a serem superados é o da dificuldade de ler por exemplo literatura tradicional, os cânones. O professor, como qualquer outro leitor, não é obrigado a achar fácil ler Jorge Amado ou Clarice Lispector, mas reconhecer essa dificuldade permite que ele procure maneiras de lidar com suas limitações. Outro é a superação da linha imaginária que separa a literatura infanto-juvenil da literatura para adultos. Para além de simplesmente conhecer os textos que está dando para os alunos lerem, o professor precisa ler e gostar daquilo que está apresentando. É inadmissível, mas existem livros que são receitas, mas que nunca foram lidos por quem os prescreve.

Assim, o grande desafio é a formação dos professores como mediadores de leitura precisa partir, justamente, do despertar dele para a importância da leitura na sua própria vida. É preciso que o professor se encante pela leitura, pois se ele não for um leitor, não vai ser um bom mediador de leitura. Retomar a trajetória de leitura desses professores, para que eles percebam como o livro e a literatura fazem parte da sua vida.

Para tanto mais uma vez focamos na necessidade de o município e da escola montar estratégias, para que isso aconteça. Talvez as mesmas estratégias utilizadas para os alunos sirvam para o professor. Em meio a tantos problemas que a classe enfrenta, a dificuldade de acesso ao livro é para os professores, como para muitos brasileiros, uma questão permanente. As características do mercado livreiro, marcado pelas dificuldades de distribuição - como a falta de livrarias em muitos municípios - e o preço relativamente alto do livro, somam-se aos baixos salários docentes para colaborar com a multiplicação do professor não leitor. Pensar em políticas para superar esta barreira, pode ser uma alternativa para contribuir também

com a formação do professor. Algumas ações como ampliação do acervo das bibliotecas públicas e escolares, tentando incluir aí também obras de interesse dos professores, estratégias de rodas de leitura como compartilhamentos de idéias, enfim são apenas algumas das muitas possibilidades de fomentar o professor leitor na escola e no município.

A formação profissional é uma das principais estratégias para a conquista de uma educação de qualidade, sendo a formação inicial insuficiente para atender as exigências impostas pela sociedade atual e não o único espaço onde os docentes aprendem sobre a profissão. A formação continuada emerge então como uma necessidade da profissionalização. O processo de formação do professor engloba a interação entre o conhecimento teórico e prático, fazendo-o desenvolver habilidades para saber lidar com as diferentes situações que surgem na atuação da prática docente. As dimensões pessoal, profissional e organizacional devem ser consideradas aspectos necessários a formação de profissionais da educação, já que os saberes docentes provêm de várias e diversificadas fontes, o que requer uma atitude de compromisso do professor, no sentido de considerar um conjunto de decisões que são chamados a tomar no seu dia-a-dia, no interior da sala de aula e no contexto da organização escolar.

3 CAPÍTULO III LEITURA COMO REFERÊNCIA PARA MUDANÇAS DA POSTURA PROFISSIONAL

3.1. UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Meu nome é Orestes Gonçalves Azevedo, sou professora, formada em Magistério no ano de 1987 e formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Fiz Pedagogia na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), concluí em 1998. Cursei História pela PUC-Rio através de um convênio do Estado com o Mec. Concluí em 2010. Em 2000/2001 fiz a Pós-graduação em Planejamento Educacional da Faculdade de Montenegro em Ibicarai-Bahia. Fiz Especialização em Psicopedagogia pela FACEI (Faculdade Einstein) em 2014/2015 e atualmente estou cursando Mestrado em Educação desde 2014.

Trabalho com professores da rede pública municipal há muito tempo e no decorrer desta caminhada tenho percebido uma grande dificuldade com a prática/hábito da leitura entre os professores e não é pela falta de material disponível, pois temos uma pequena biblioteca pública, as escolas recebem do governo alguns livros e revistas. Material que possibilita ao professor um acesso a este recurso, além da internet, que hoje é uma grande facilitadora e já se encontra bastante acessível.

São poucos os professores que tem a leitura como uma prática, a grande maioria diz que não gosta outros não tem tempo, enfim, muitas explicações que não justificam a falta de gosto pela leitura.

Diante dessa realidade que muito me incomoda, decidi investigar qual a causa baixa motivação pela leitura, porque esse recurso que a princípio deveria ser o instrumento orientador da prática do educador é quase descartado pela maioria dos professores?

O que fazer para tornar a leitura um hábito, uma prática que possibilite aos professores da rede pública municipal uma mudança significativa em sua ação/atuação/reflexão pedagógica, tornar a leitura um elemento promotor de um profissional mais participativo, melhor qualificado no desempenho da sua função,

enquanto agente promotor de mudanças, um diferencial na vida dos seus alunos.

Os sujeitos do estudo correspondem a dez professores de educação infantil, fundamental I e ensino médio, em um universo de 25 dos quais sou coordenadora da rede pública municipal de Itamari, propondo uma experiência nova a partir da prática da leitura, enquanto agente promotor de mudanças, fazendo um paralelo entre sua postura antes e depois da pesquisa. O que mudou?

Assim, esta investigação tem como objeto de estudo as práticas leitoras de professores-leitores e professores – não leitores e seus efeitos na atuação pedagógica. Tem como premissa que a leitura e a formação caminham lado a lado na produção do conhecimento.

No conjunto, aborda as histórias de professores-leitores e professores – não leitores e sua formação continuada, assim como caracteriza a leitura presente no cotidiano do professor, os gêneros textuais envolvidos nas práticas leitoras, ainda analisa as concepções de leitura que subjazem a essas práticas.

3.2 TIPO DE PESQUISA

A partir da utilização do método dialético a metodologia utilizada no (será uma pesquisa qualitativa, etnográfica, descritiva. Para MINAYO (2001), a etnometodologia ou pesquisa etnográfica compreende o conjunto de reflexões que se abrigam sob seu próprio nome, além do interacionismo simbólico, da história de vida e da história oral. Preconizava a experiência direta com atores sociais para a compreensão de sua realidade. É uma pesquisa empírica que irá investigar um fenômeno contemporâneo, tendo por objetivo analisar a vivência da realidade por meio da discussão, análise, estabelecendo uma relação estreita entre a teoria/prática, adotando um enfoque descritivo. O método etnográfico tem a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural, portanto pressupõe além de considerar a heterogeneidade do grupo estar atento às escutas do dito e do não dito e só observado. Segundo Telles (2002,p.46) etnografia “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo”, objetivando entender um outro modo de vida, mas do ponto de vista do informante. O trabalho de campo, então, inclui o estudo disciplinado do que o mundo é, como as

peças têm aprendido a ver, ouvir, falar, pensar e agir de formas diferentes. Mais do que um estudo sobre as pessoas, etnografia significa “aprendendo com as pessoas”. a etnografia é entendida também como a “compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo”. LÜDKE & ANDRÉ (1986) citam Wilson (1977), para quem a pesquisa etnográfica fundamenta-se em dois conjuntos de hipóteses sobre o comportamento humano: - a hipótese naturalista-ecológica, que afirma ser o comportamento humano significativamente influenciado pelo contexto em que se situa, daí a necessidade de estudar o indivíduo em seu ambiente natural; - a hipótese qualitativo-fenomenológica, que determina ser quase impossível entender o comportamento humano sem tentar entender o quadro referencial dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Desta forma, o pesquisador deve exercer o papel subjetivo de participante e o papel objetivo de observador, a fim de compreender e explicar o comportamento humano.

Dentro dessa perspectiva a pesquisa sugere uma abordagem qualitativa que, segundo Andrade (2003:26), é aquela que compreende um conjunto de técnicas interpretativas, que visa à descrição e o processamento dos dados obtidos. Proporciona maiores informações sobre determinado assunto, facilitando e delimitando a temática, definindo objetivos e traçando hipóteses, contribuindo assim para o aprimoramento da pesquisa. Deste modo, compreendemos que o estudo qualitativo procura de maneira subjetiva conhecer a essência dos significados, as crenças, os sentimentos, os valores, os hábitos culturais, os costumes, as atitudes, dentre outras características próprias do comportamento humano, o nível da realidade que neste caso não pode ser quantitativo.

Para Richardson (1999, p. 79) as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto de estudo situações complexas ou estritamente particulares” complementa ainda, afirmando que os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Segundo Portela (2004, p.34) a pesquisa qualitativa e descritiva objetiva

conhecer, observar, analisar, explorar, registrar e interpretar dados sem interferir para modificá-los. Demonstra caracterização de uma população ou de determinado fenômeno que descreve através de questionários ou formulários, para identificação do conhecimento. Propõe ir além da simples identificação de relação entre variáveis e pretende determinar a natureza desta relação.

É importante enfatizar que o aspecto cultural de um grupo é resultado de uma construção social, seja pelas atividades individuais, seja pelas atividades coletivas, desenvolvidas em determinado período. O indivíduo contribui para a formação de uma cultura, e esta, por sua vez fornece um suporte no qual a existência do sujeito ganha significado. Essa interação promove a criação de um conjunto de comportamentos e de atitudes que são transformados e compartilhados por um grupo social.

De acordo com Salomon apud Andrade (2001:27) a pesquisa qualitativa descritiva compreende a descrição, o registro e interpretação da natureza atual ou processos dos fenômenos. O enfoque se faz sobre condições dominantes ou sobre como uma pessoa, grupo ou coisa conduz ou funciona no presente. E é nessa perspectiva que abordamos tal método para discussão dos resultados no nosso trabalho. As informações foram analisadas a partir da aproximação com o método de análise de conteúdo, na perspectiva de perceber o impacto da formação do professor leitor no dia-a-dia da prática pedagógica da referida escola. A pesquisa é aqui entendida como uma alternativa epistemológica que orienta o desenvolvimento e aprimoramento da teoria curricular no contexto escolar, o lugar de trabalho dos professores configurado no contexto da aprendizagem. No caso específico aqui a questão da leitura do professor como prática engajada, trata-se também de uma oportunidade para que os docentes possam refletir sobre os seus conhecimentos e saberes e, conseqüentemente, as suas práticas pedagógicas.

3.3 CENÁRIO DA PESQUISA

O estudo aconteceu no município de Itamari, região baixo sul da Bahia tendo como cenário as escolas municipais. O município dispõe de 000 escolas 000 professores 000 coordenadores pedagógicos. O professor em sua maioria natural da cidade teve sua formação nos municípios circunvizinhos como Jequié, Itabuna, Gandu entre outros maioria da cidade

Com relação ao IDEB, no ano de 2011º o município conseguiu como resultado

da Prova Brasil. No entanto, ainda se acompanha como aspecto negativo as dificuldades de leitura e escrita do aluno e o desinteresse e indisciplina de alguns educandos que acaba refletindo no não alcançar das propostas docentes e que pode estar relacionado à própria atitude do professor em relação a leitura.

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

O objeto de pesquisa é uma discussão acerca do sentido da leitura na vida professores-leitores e professores – não leitores, enquanto suporte teórico e prático para o desenvolvimento de habilidades e competências da profissão docente, proporcionando a ressignificação e a recontextualização das práticas e dos saberes destes profissionais para atuação como docentes na contemporaneidade, tendo como sujeitos/atores os professores lotados na Secretaria Municipal do município de Itamari-Bahia, que são as pessoas adequadas a fornecer as informações imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa.

Como dito anteriormente, em um universo de 25 professores dos quais sou coordenadora foram selecionados 10, que se dispuseram solicitamente a participar da pesquisa quando foram convidados, sendo apenas esse o critério de escolha. São 08 mulheres e 02 homens com idade variável entre 25 e 37 anos aproximadamente e que atuam na educação entre 5 e 10 anos em sua maioria.

3.5. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para coletar o material empírico foi utilizada a entrevista, no modelo semi-estruturado. Com as técnicas de entrevista, observação participante e análise de documentos e conteúdos. Na pesquisa etnográfica qualitativa, descritiva, o método utilizado é de suma importância pois no processo de investigação, deve-se levar em consideração não só o que é visto e experimentado, como também o não explicitado, aquilo que é dado por suposto, ou seja, atrás de uma colocação geral, supostamente entendida, vai se subtraindo questionamentos, até que tudo fique explícito. A linguagem é um ponto importante a se considerar, pois somente o autor da sentença pode dar a dimensão exata, o conteúdo e as razões de suas colocações, já que são as experiências que definem o conteúdo significativo do enunciado.

O questionário e a entrevista enquanto instrumentos viabilizam condições para atender ao objeto da pesquisa, possibilitando também, a organização de um

roteiro com questões que acolha ao objetivo da proposta de trabalho e que seja significativo no contexto investigado. É um instrumento que merece ser cuidadosamente utilizado, pois trabalha com a subjetividade, tendo um caráter descritivo e narrativo de seus resultados, sendo que a imparcialidade do pesquisador deverá prevalecer. Daí a importância de um roteiro organizado para ampliar o poder de registro e aumentar a possibilidade de transcrições mais fidedignas. Pressupõe-se que na entrevista haja uma atitude ética, desde a escolha dos entrevistados, o local da entrevista, o registro apurado, uma vez que a proximidade entre pesquisador e pesquisados pode implicar em falácias.

O questionário foi o único instrumento utilizado além de minhas observações enquanto coordenadora e procurou abranger aspectos da vida pessoal, relevantes a pesquisa, aspectos profissionais e institucionais e culturais num total de 20 questões e aspectos relativos à pesquisa propriamente dito, sendo composto por 04 eixos norteadores que deverão revelar o perfil do professor leitor/não leitor.

3.6 ANÁLISE DESCRITIVA DA PESQUISA :LEITURAS DO PROFESSOR ITAMARIENSE

3.6.1 Perfil pessoal

Sexo	Feminino 08	Masculino 02			Total 10
Estado Civil	Casado 02	Divorciado 01	Solteiro 07	Viúvo	10
Idade	25-35 05	35-45 05	45-55	Mais de 55	10
Numero de Filhos	Nenhum 04	-0-3 06	3-6		10

Tabela 01

Fonte: Pesquisa de Campo

A quantidade total de professores por mim coordenado é de --- pessoas. O grupo de professores solicitado a responder o questionário foi de 10 professores, sendo 08 mulheres e 02 homens, com idades variáveis entre 25 e 35 anos, a maioria solteiros e apenas 06 com filhos.

3.6.2. Perfil profissional

Formação Profissional	Superior Incompleto -	Superior Completo 10	Especialização (09)Sim (01) Não	Mestrado -	Total 10
Experiência docente	Até 10 anos 05	De 11 a 26 anos 05	De 26 a 30 anos -		10
Participação em formação continuada e, cursos	Nenhuma 2	1-3 7	3-5 1	Mais de 5 -	10
Cursos frequentes	Não 2	Sim 8			10

Tabela 02

Fonte: Pesquisa de Campo

O professor entrevistado nesse trabalho tem curso superior em sua maioria na área de Letras e Pedagogia e apenas um na área de História. Nove entrevistados tem especialização sendo a maioria em alfabetização e letramento. Cinco afirmam ter de mais de 10 anos de experiência docente enquanto 5 até 10 anos. Dois desses professores nunca participaram de nenhuma formação continuada, 1 participou entre 3 e 5 e 7 participaram entre 01 e 03. Desse total de 10 professores 02 afirmam não fazer cursos constantemente enquanto 08 dizem participar frequentemente de cursos.

O profissional da educação deve sempre refletir sobre sua formação inicial, seja esta o magistério ou o curso superior de Licenciatura Plena em Pedagogia, ou outro curso na área de licenciatura pois é refletindo sobre a formação inicial que se reflete sobre a prática docente, sendo possível assim uma constante ressignificação da mesma. Refletir sobre aspectos da formação inicial faz-se necessário sempre que se objetiva melhorar a prática docente, sendo este um dos principais indicadores do desenvolvimento de profissionais mais justos e preparados

Sabemos que o profissional professor das séries iniciais se forma através de um processo dinâmico de interações e experiências, na qual os saberes são construídos, seja para resolver problemas na sua prática pedagógica seja para organizá-la. Na construção destes saberes o professor aprende a profissão de educador. A esse respeito afirma Sousa (2008, p. 66) “[...] ser docente um

profissional implica, portanto dominar uma série de saberes, capacidades e habilidades especializadas que o fazem competente no exercício da docência.”

Desse modo, a prática desenvolvida pelo professor pode ser caracterizada como função social, sendo o educador principal agente do processo educacional; a idéia que todos podem exercer a profissão docente apresenta-se então de maneira equivocada, já que tal profissão apresenta-se de forma complexa e envolve grandes responsabilidades, pois o profissional da educação é o sujeito responsável por formar todos os outros profissionais, o que implica uma constante resignificação da prática por ele desenvolvida.

Portanto a participação em cursos e também na formação continuada implica realmente na possibilidade de um novo fazer metodológico e acima de tudo em uma nova postura pessoal e profissional. Muitas vezes a escola, a rede propicia esses momentos e por vezes o próprio professor é reticente e não se abre ao novo. Outras vezes a rede não possibilita esses espaços de formação deixando uma lacuna na educação que compromete os saberes necessários a educação e certamente a formação do cidadão.

3.6.3 Dados Institucionais

Carga Horária de Trabalho	20h 09	40h 01	Acima de 40h -		Total 10
Turno de Trabalho	Matutino 04	Vespertino 06	Noturno -		10
Rede	Municipal 10	Estadual -	Privada -		10
Exerce outra atividade remunerada	Sim 02	Não 08			10
Séries em que atua	1ª. a 4ª. 07	5ª. A 8ª. -	Ed. Infantil 02	Ensino Médio 01	10

Tabela 03

Fonte: Pesquisa de Campo

A maioria dos professores aqui possui apenas 20h e todos eles trabalham no turno diurno o que constitui um ponto positivo pois subentende-se que há tempo disponível para atividades de leitura, entretenimento e lazer.. 08 deles não exercem outra atividade remunerada, 07 atuam no ensino fundamental I, 02 na educação

infantil e 01 no ensino médio. Não houveram professores disponíveis à pesquisa no ensino fundamental II, o que constitui um pesar por ser essa também um época crítica e decisiva para o incentivo à leitura do aluno , o que apenas um professor engajado poderá proporcionar.

3.6.4 Dados culturais

Programas de TV preferidos	Religiosos III	Entretenimento IIIIII	Jornalístico IIIIII		
Lê revistas	Sim IIIIIIII	Não			
Frequência	Diária	Semanal I	Mensal III	Esporadicamente IIII	
Lê livros	Sim IIIIIIII	Não			
Frequência	Diária III	Semanal I	Mensal	Esporadicamente II	
São livros relacionados ao trabalho?	Sim IIIIII	Não I			
Leitura significa	Dever I	Obrigação I	Prazer IIII	Formação IIII	Outro I
Assiste filmes	Sim		Não		
Tipo de filme preferido	IIIIIIII () Policial () Drama () Ficção () Romance () Comédia () Desenho () Terror () Aventura () Outros	III IIII IIII I	II		
Gosta de música	Sim	IIIIIIII			
Tipo de música preferido	() MPB () Forró () Axé () Rap	II I			

	()Rock				
	()Sertaneja	II			
	()Pagode				
	()Romântic	II			
	()Samba				
	()Gospel	IIII			
	() Outros	I			

Tabela 04

Fonte: Pesquisa de Campo

Percebe-se nesse item que o gosto dos professores é bastante variado, sendo que há uma predominância vista também em itens anteriores e em itens posteriores por temáticas religiosas, evangélicas. Fala-se muito em leitura da Bíblia e livros afins e audição de música e programas religiosos. Alguns não citaram os livros que leram ultimamente e ainda outros nem responderam alguns itens. Outros responderam em duplicidade. Fato é que todos afirmam que lêem a maioria por prazer e/ou formação, mas ao mesmo tempo essa leitura se dá de forma esporádica.

3.6.5 Traçando meu perfil- Leitor

Foi proposto um questionário subjetivo ao professor onde ele pôde através de 04 eixos de pesquisa pontuar os diversos aspectos e fases da leitura em sua vida. Optamos por trazer na íntegra o questionário para não perder a especificidade e peculiaridades das respostas. O objetivo nessa parte do questionário é que o professor relate em forma principalmente de narrativas as suas vivências e experiências para podermos aqui associar a sua prática com a sua leitura de mundo e sua prática leitora.

Para iniciar nossos trabalhos, vamos conversar sobre leitura na vida pessoal e profissional de um professor, assim, este primeiro momento de nossa pesquisa é reservado para você colocar suas impressões gerais sobre esta prática social que é a leitura.

- Revisite suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e conte-nos sobre:
 - A) Tipos de leitura que praticava
 - B) Vestígios de leitura que marcam sua vida e sua memória

3.6.5.1 Leitura da vida e na escola

	Quando Criança;	Na Escola;	Na Universidade	No exercício docente;	Na vida em Geral;
Entrevistado 1	Leitura de textos bíblicos.	Contos, fábulas, histórias em quadrinhos, poema e etc.	Textos relacionados aos teóricos da educação, jornalístico, artigo científico e etc.	Livros didáticos, paradidáticos, revistas referencial curricular nacional para educação infantil.	Evangélicos, diretrizes educacionais pedagógicos para a educação infantil. (Obs: E todos acima citados)
Entrevistado 2 –	Apenas as cobradas pela escola, as famosas lições.	O texto: Ivo viu a uva.	O livro o “Pequeno Príncipe”	PCNS e Alfabetização e linguagem	Revistas/ os livros do autor Augusto Cury

Entrevistado 3	Gibis infantis e livros de histórias infantis, contadas por minhas tias, despertava assim minha imaginação a respeito da leitura.	; teve acesso a livros sobre contos, poesias à livros com textos literários e científicos.	Eram livros voltados a área acadêmica, com textos científicos, literários e também infantil uma vez que iremos desenvolver trabalhos voltados para essa faixa etária.		procuro ler todos os tipos de leituras desde livros literários e não-literários, revistas...
Entrevistado 4	um livro bíblico todo ilustrado contando histórias marcantes da Bíblia.	os poemas de José de Alencar e Cecília Meireles	Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia.	Pedagogia do Oprimido e crônicas	; A cabana, Nunca desista de seus sonhos.
Entrevistado 5 –	Monteiro Lobato “ As histórias da tia Nastácia “ vestígios de leitura, a lembrança de uma vó.	O livro didático de português de Joanita Souza, O texto “ A Pulga ambiciosa”.	”. Augusto Cury, pois brilhantes, professores fascinantes vestígios: Bons professores	No exercício docente; Um livro de literatura Infantil com o título “ Te amo um tantão assim	Na vida em Geral; Augusto Cury “ Você é Insubstituível “
Entrevistado 6 –	Observar revistas em quadrinhos Chico Bento e cebolinha, descrever as histórias a partir das fotos e imagens.	Durante a minha formação no ensino médio lia matérias que os professores indicava	Eu lia na faculdade alguns exemplares que favorecesse a minha prática.	Eu gosto muito de ler artigos referentes a minha prática pedagógica, leituras que sugerem enfrentar os desafios de ser	Leio alguns artigos na internet sobre educação que venha me auxiliar na minha prática pedagógica em sala de

				professor nos dias de hoje.	aula.
Entrevistado 7	Quando Criança; Cartilha / ABC	Livro Didático	Artigos Científicos, livros	revistas da área, livros	revistas, livros de formação
Entrevistado 8 –	Não tinha acesso a livros, porém ouvia muitas histórias contada por minha mãe	Livros didáticos, literatura infantil	Livros variados tais como: Paulo Freire, Emilia Ferreira, Wallon entre outros.	Revistas, livros de histórias, livros voltado para a educação.	Gosto de leitura gospel e infantil
Entrevistado 9 –	Quando Criança, ainda sem saber ler eu gostava de folhear revistas em quadrinhos, e costumava descrever as histórias a partir das histórias a partir das imagens	Na Escola; durante o ensino médio normal costumava ler matérias de revistas indicadas por algumas professoras ou romances e sempre gostei de ler algo referente a educação	Na Universidade (ou Faculdade); eu gosto muito da educação infantil o que eu costumava ler na faculdade foram os referencial curricular nacional da Ed. Infantil e vários artigos relacionados com o tema	No exercício docente; eu gosto de ler artigos referentes a práticas pedagógicas, leituras que sugerem como lidar com os desafios de ser professor nos dias atuais.	Na vida em Geral; leio bastante literatura infantil na minha prática pedagógica durante as aulas leio alguns artigos na internet sobre educação e livros indicado por alguns colegas sobre educação; romance ou ficção.
Entrevistado 10 –	livros – cadernos – lápis – borracha a leitura era sempre repetitiva e decorreba	Na Escola; a educação era tradicional o único livro que tinha acesso era a cartilha que tinha que ler e reler várias	Na Universidade (ou Faculdade); artigo científico, textos relacionados aos teóricos	No exercício docente; revistas, livros didáticos, paradidáticos, livros literários, parâmetros curriculares nacional	Na vida em Geral; diretrizes educacionais pedagógicos etc.

		vezes.	da educação, jornalísticos e etc.	referencial curriculares nacional p;educação infantil	
--	--	--------	---	---	--

Tabela 05

Fonte: Pesquisa de Campo

Percebe-se nesse primeiro momento que na infância e na escola a leitura da maioria dos professores foi bastante limitada à cartilha e livros escolares. Chamamos a atenção um professor que indicou o texto Ivo via a uva, do método de silabação da Casinha Feliz como sua lembrança da escola. Esse ponto nos remete ao que foi tratado no primeiro capítulo onde falamos que o professor foi criança e que essa criança além da escola precisava do apoio e acompanhamento da família para se tornar um leitor, E aqui não somente o leitor de um tipo de livro, como percebe-se que continua pela vida afora e que mesmo na Universidade e na sua vida laboral o padrão de leitor de um gênero só continua.

A respeito disso Geraldi (2006, p. 26-27) reflete que A leitura praticada nas escolas, segundo visa a ensinar normas para o aluno, fazendo dele um receptáculo de informações, em que o conceito de leitura enquanto processo interativo é raramente realizado na sala de aula. Muitas vezes, o ato de ler é esquecido, para dar vez, a conteúdos gramaticais, porém esses conteúdos são introduzidos em textos.

Coracini (1995, p. 18) afirma que:

O texto é, na maioria das vezes, usado como pretexto para provocar efeitos de sentido no leitor-aluno, para ser apenas o reconhecimento de unidades e estruturas lingüísticas cuja funcionalidade parece prescindir dos sujeitos".(CORACINI 1995, p. 18).

Já Kleiman (2000, p. 15) endossa que a leitura se baseia no desejo e no prazer, não em uma atividade desagradável visando à decifração de palavras, que leva o aluno a caracterizar o ato de ler como difícil demais, inacessível, não fazendo sentido para o mesmo. Afinal, o sujeito deve conceber a leitura como um objeto de aprendizagem, que faça sentido a ele.

Ainda no PCN (1997, p. 54) essa significação se constitui de leitura de diversos textos e da combinação entre eles. E ainda que:

Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto ou o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”.(PCN ,1997, p. 58)

Essa é concepção de leitura que se almeja nas escolas e em qualquer outro lugar, que oportuniza o conhecimento de modo prazeroso e desafiador, que faz compreender, construir uma percepção crítica e ampla do mundo, das pessoas e da vida. Ainda considerando toda a ideologia por trás da leitura e do não gostar de ler, é preciso combater essa visão e ninguém melhor que o professor para começar esse embate.

3.6.5.2 Falando em leitura

Nesse item da entrevista foi solicitado que os professores Expressasse suas impressões sobre leitura:

Questões	Concepções acerca do tema leitura.	Papel da leitura na sua vida pessoal, profissional e pedagógica	Valor da leitura na vida pessoal, na formação profissional e na prática pedagógica	Como se dá o processo de escolha do gênero textual nas suas práticas com a leitura?	Os desafios de ser professor de leitura

Ent 1	A leitura pode ser compreendida como um objeto de conhecimento necessário para a consecução de novas aprendizagens.	A leitura tem um papel essencial na minha vida. Pois é através dela que podemos obter um conhecimento amplo e diversificado, dinamizar o raciocínio, transformar a consciência perante o mundo em que vivemos e agir com autonomia na sociedade.	Sendo a leitura fonte de construção do saber, acredito que através dessa prática o professor tenha condições de ampliar sua visão do mundo e dar mais significado às suas aulas, analisando com consciência o conteúdo a ser trabalhado em diversas dimensões.	Minhas práticas leitoras, diante da amplitude do conhecimento, são permeadas por diversas tipologias textuais.	Fica evidente que um profissional que não convive no seu cotidiano com a leitura, encontra-se despreparado e desconectado c/o mundo. Pois podemos considerar a relevância da leitura como um desafio que produz conhecimento, que muda concepções e que forma o cidadão capaz de interagir com as mudanças que ocorrem no mundo
Ent 2	Quem ler viaja no mundo da imaginação, melhora o vocabulário e amplia seus conhecimentos	Informar, instruir e ampliar meus conhecimentos favorecendo assim, a minha vida pessoal e minha prática como educadora	A leitura é muito importante para me, pois, adquirei conhecimento e crescimento pessoal e na minha formação aprimorando assim a minha prática pedagógica	Muitas das vezes escolho textos que facilitam o meu entendimento como literários, não literários, artigos, poesias, científicos voltados para a área em que trabalho.	São muitos os desafios para ser educador de leitura, pois, o professor tem uma grande responsabilidade e a cumprir, sabendo que a criança é fruto do meio e a família nem sempre cumpre com seu papel
Ent 3	A leitura para	Papel	É através da	Muitas das	Não ter muitas das

	<p>mim é um dos meios que a criança desperta para o mundo do conhecimento pois é através da leitura que se forma cidadãos críticos e conscientes para a vida</p>	<p>fundamental para minha vida, pois apesar de não praticar muito mais o pouco que leio é de extrema importância para um aprimoramento de aprendizagem em vários aspectos</p>	<p>leitura e de um bom leitor que se adquire um conhecimento maior sobre tudo que se faz, para um desempenho na vida, qualidade no ensino e na formação profissional</p>	<p>vezes escolho textos que facilita o meu entendimento como literários, não literários artigos, poesias, científicos voltados para área em que trabalho.</p>	<p>vezes interesse em ler bons livros, tempo ou um livro que estimule a leitura e não hábitos de ler diariamente, só quando precisa.</p>
Ent 4	<p>A leitura é um meio transformador levando o indivíduo à adquirir conhecimento amplo.</p>	<p>Deixar-me apta a discutir dissertar indagar, transformar e transmitir conhecimento .</p>	<p>Suma importância, enriquecimento de vocabulário conhecimento libertação no sentido de autonomia</p>	<p>Poemas histórias infantis, pedagógico crônicas, tirinhas. Ter um (título) Título chamativa, assuntos interessantes, ilustrados e os que necessito no momento.</p>	<p>O primeiro desafio é gostar de ler, por que se gosta, não vai existir falta de tempo, falta de oportunidade. Precisa ser um professor exemplo na prática da leitura.</p>

Ent 5	Na minha concepção no meio em que vivo, quem não lê, não adquire conhecimentos ou seja fica “pra trás	Ela faz parte do meu cotidiano em todas as áreas da minha vida.	Realização de sonhos de pareciam impossível. Adquirir conhecimentos maravilhosos	Poemas, poesias, tirinhas historias em quadrinhos. Observando os títulos as gravuras e a forma de expressão.	A falta de incentivo a leitura na área externa ou seja fora da escola junto da família.
Ent 6	Ler é um hábito poderoso que nos faz conhecer mundos e idéias. Por meio da leitura desenvolve a criatividade a imaginação e adquire cultura.	A leitura é fonte de construção do saber, por isso, é fundamental em qualquer nível entretanto como o professor é o agente organizador das práticas educativas em sala de aula, é a ela que se atribui o sucesso ou fracasso da aprendizagem na leitura.	O ato de ensinar é uma das tarefas mais fáceis que existe na vida principalmente por se tratar de uma ação onde a dialética permeia ou pelo menos deveria permear, porque numa verdadeira ação educativa ambos dialogam o educando e educador.	Ciências humanas e sociais, romances.	Despertar na criança o gosto pela leitura e apresentar como algo prazeroso, pois os pequenos leitores vejam e experimentem e se apaixonem pela leitura.
Ent 7	Momento de uma reflexão pessoal para mudar as	Em todos os setores a leitura tem o papel de	A leitura tem um papel fundamental na minha vida	Textos informativos e científicos a escolha é	Maior desafio é promover a reflexão da importância da

	práticas pessoais, profissionais e sociais	transformar .	pessoal que uso como fonte de melhoria da minha vida profissional e nas práticas em sala de aula	feita a partir da necessidade do profissional e do pessoal	leitura já que muitas vezes a família não transmite o gosto da leitura para seus filhos
Ent 8	O ato de ler é entendido como uma das formas mais eficazes de desenvolvimento do indivíduo	A leitura é de grande valor na minha vida por um todo. Pois se quero formar alunos leitores tenho que ser professora leitora	A leitura é considerada uma atividade cognitiva muito complexa e de suma importância que requer a ação de muitas habilidades independentes para que seja efetivada com sucesso.	Literatura infantil, poesias – História em quadrinho.	São grandes e exige a superação de desafios ser modelo ou seja ser leitor ativo. Demonstrar gosto pela leitura e despertar no aluno o gosto pela leitura.
Ent 9	Leitura é essencial na vida do indivíduo pois a mesma prepara o homem para o conviver em sociedade com consciência crítica, deixando o capaz de questionar e	Tenho competência para expressar a minha opinião sobre determinados temas, é realmente na hora de preparar minhas aulas, pois tenho p/	A leitura é tão importante na vida profissional quanto na pessoal, pois em ambas as áreas o indivíduo deve estar preparado para questionar e	Leio romance, ficção, ciências humanas e sociais, romances e ficção eu escolho para entreterimento e ciências humanas e sociais para	O maior desafio do professor é despertar na criança o gosto pela leitura apresentar a mesma como algo prazeroso não obrigatório

	transformar a própria realidade	escolher metodologias, o conteúdo adequado a turma que trabalho	argumentar sempre e a leitura proporciona isto.	fundamentar a minha prática pedagógica	
Ent 10	Leitura quem começa não para mais. É essa atitude é cultural ela não nasce conosco, tem que ser desenvolvida e sempre alimentada	Eu acredito firmemente que todo bom professor é um bom leitor e que vice-versa. Considero um bom leitor aquele que tem na leitura o seu alicerce principal que é o que abre as portas e consolida, embora não termine nunca, a condição de ser leitor	Sem desfrutar dessa leitura, dificilmente o professor contribuirá para que seus alunos sejam leitores	São permeados por diversas tipologias textuais	A leitura começa em casa. A família é decisiva para incentivar a leitura. Sabendo que como docente esta sobre os mesmo essa responsabilidade de levar ao aluno conhecimento a interagir com outros todos um processo o qual o envolva dia a após dia. Em um mundo de letras e números onde os mesmos tem que codificar e nós somos os principais mediadores de formula que eles vem aprender

Tabela 6

Fonte: Pesquisa de Campo

A leitura foi uma das primeiras formas de entretenimento para o homem. Segundo Freire (1995, p. 71), “desde muito pequenos, aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos ‘lendo’, bem ou mal, o mundo que nos cerca”, fazendo dessa aprendizagem um divertimento. Segundo as experiências que dão respaldo à teoria de Paulo Freire, na infância, a leitura é algo prazeroso, realizada em lugar confortável, tendo como mediadora a figura materna que praticava, e ainda pratica essa atividade com a criança, que passa a reconhecer na leitura de histórias um

universo de encantamento. Quando se adquire, então, as duas leituras, a de mundo e da palavra, em que ambas se completam, compreende-se a linguagem e a palavra em um determinado contexto. Ao se chegar à escola, porém, essa concepção de leitura é modificada por diversos fatores, tornando-se menos prazerosa e mais mecânica.

Diz Zilberman (1988, p. 55) que, para que a educação esteja a alcance de todos, faz-se necessário que,

Num país em que a cultura duvida de sua nacionalidade e permanece pesquisando sua identidade, uma política de leitura que torne o livro popular sem que este abdique de seu compromisso com o saber e a arte é fundamental, porque consiste na possibilidade de ruptura com a dependência. No entanto, é preciso que seja igualmente democrática e pública, sob pena de, a pretexto de favorecer nossa pobre escola e seus freqüentadores carentes, aprofundar a divisão social e promover o poder econômico vigente.

A leitura não pode ser um martírio para o aluno, em que o professor avalia e estabelece um tipo de cobrança, pelo contrário, o educador deve estimular este processo, a fim de formar leitores. Geraldi (2006, p. 60-61) afirma que “o professor não deve visar à cobrança da leitura, dado que o que se busca é desenvolver o gosto pela leitura e não a capacidade de análise literária”. A avaliação do professor se dá em um aspecto quantitativo, ao mesmo tempo em que se analisa a qualidade da leitura.

O papel do professor, no que tange a leitura, faz-se principalmente em forma de estímulo, deixando com o que o aluno tenha liberdade de escolha e se sinta capaz de ler o que gosta o que lhe dá prazer. Caso contrário, o desinteresse instala-se. Silva (2006, p. 84-85) diz que um dos motivos para tal desinteresse, pode estar na escolha realizada pelo professor, exigindo que todos da turma leiam o mesmo título, sem opção de escolha, geralmente clássicos da literatura. Nessa escolha unilateral, nem sempre (na maioria das vezes) o gosto do professor coincide com o do aluno.

Pior ainda quando a escolha do professor é também mecânica, direcionada por interesses que não permeiam seu senso crítico e que não condizem com as suas necessidades e tampouco as necessidades dos alunos. O professor enquanto formador precisa estar atento à qualidade e estética da leitura.

3.6.5.3 Experiências leitoras

Nesse eixo foi solicitado aos professores que fizessem um relato um relato lembrando os seguintes aspectos:

- A) Como se processa o uso da leitura nas suas práticas escolares e extra escolares?
- B) Como se constituiu (ocorreu) o processo de apropriação das suas práticas (experienciais) leitoras pessoal, profissional e pedagógica?
- C) Quais suas experiências mais significativas com a leitura.
- A) D) Como se constitui o cotidiano leitor?

Entrevistado 1 –

- A- Através de atividades estratégicas que permitam interações e construção do conhecimento entre os alunos, visando uma aprendizagem significativa.*
- B- Minhas experiências leitoras se deram a partir do desejo de adquirir conhecimentos necessários para viver em sociedade.*
- C- A leitura da obra de alguns teóricos como Piaget, Vigotsky, Wallon, Emília Ferreira, Montessori, Irandé, Anísio Teixeira, Paulo Freire se constituiu como uma experiência enriquecedora trazendo aprendizagens significativas para minha vida pessoal e profissional. Mediante a reflexão dos mesmos consegui fazer relações relevantes da teoria com a prática, servindo de embasamento para compreender como acontece o processo de ensino aprendizagem.*
- D- A formação do leitor inicia-se no âmbito escolar e se processa em longo prazo em longo prazo, tendo como mediador o professor, em que encontramos a possibilidade de diversificarmos o conhecimento, pois utilizamos a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossas vidas: no trabalho, na escola, no lazer ou em casa. Esse leitor deve ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e as significações. Pois, os que apenas se relacionam de modo mecânico com o texto, não se constituirão leitores sem um trabalho efetivo.*

Entrevistado 2 –

- A) *Procuo utilizar a leitura de maneira diversificada sempre aproveitando o material disponível pela escola.*
- B) *Acontece ao longo do tempo.*
- C) *Foi a partir do momento que assumi a sala de aula pela primeira vez pois sentia a necessidade de aprimorar meus conhecimentos p/ desenvolver meu trabalho com êxito e segurança.*
- D) *É um processo longo que requer dedicação.*

Entrevistado 3 –

- A) *Se dá através de construção de projetos, leitura de algumas revistas nova escola, muitas das vezes ler a bíblia em casa.*
- B) *Através de leituras que me estimulam, despertando meu interesse e para o aprimoramento na minha formação e para o exercício docente em sala de aula.*
- C) *A experiência da leitura é essencialmente individual, sempre única e nova, muito que leio está vinculado a frases docente.*
- D) *A leitura é inserida de maneira que permita hábitos de leitura como roda de leitura, livros de literatura, revistas, textos científicos tudo que está voltado ao prazer e desenvolvimento das aprendizagens.*

Entrevistado 4 –

- A) *Nas práticas escolares é um processo contínuo, incentivo os alunos contando historias infantis todos os dias, proporcionando-os com um cantinho de leitura. Leio muito por meio da internet.*
- B) *Através das necessidades vividas no meu cotidiano. Precisei pesquisar muito, ler diversos gêneros textuais.*
- C) *Ela me capacita a interagir com diálogos nos mais diversos assuntos.*
- D) *Com a necessidade do uso de palavras apropriadas nas apresentações dos trabalhos feitos na faculdade.*

Entrevistado 5 –

- A) *Trabalhando com o cantinho da leitura tempo para gostar de ler, lendo e compreendendo, pois é lendo que pode-se formar cidadãos.*

- B) Constitui-se na busca do conhecimento através de pesquisas, leituras diversificadas, livros revistas, internet e etc.*
- C) Tive muitas, mas a mais significativa foi a leitura do livro práticas pedagógicas em alfabetização, no mesmo foi baseado o projeto no lugar do lixão um jardim*
- D) Com leitura espontânea e prazerosa.*

Entrevistado 6 –

- A) Faz parte da rotina a leitura de um livro de literatura infantil e em casa sempre leio texto na internet.*
- B) Com acesso na faculdade surgem inquietações sobre educação isso lhe obriga a ler no inicio, mas com o passar do tempo torna algo agradável e prazeroso.*
- C) A leitura é um dos meios de o individuo manter-se informado e aprender em todas as esferas do interesse humano. Pois é o meio de formar e informar cidadãos críticos e atuantes na sociedade.*
- D) Utilizamos a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossas vidas: no trabalho, na escola, no lazer ou em casa, pois cada leitor tem um objetivo, pois assim cada um desperta o interesse e gosto pela leitura.*

Entrevistado 7 –

- A) O uso da leitura na escola acontece nos planejamentos que por sinal nesses últimos anos são momentos para só cumprir um calendário. Mas mesmo assim busco sempre o uso da leitura como meio de enriquecer minha formação e como forma de despertar na turma o gosto pelo ato de ler*
- B) A leitura não foi algo que sempre fez parte da minha vida pessoal mesmo porque apresentava muitas dificuldades para ler. Com a superação dessas dificuldades e com o acesso ao magistério a leitura passou a fazer parte da minha vida profissional*
- C) Na realização de trabalhos acadêmicos e nos projetos propostos pela escola.*
- D) A partir de um projeto realizado pela coordenadora da escola que trabalhava e fortalecendo com a entrada no mundo acadêmico*

Entrevistado 8 –

- A) Muito simples que gosta de ler, faz da leitura um uso continuo.*

- B) *O motivo é muito simples é preciso que se mostre o valor da leitura ao educando*
- C) *A leitura se torna significativa e envolvente quando desperta no leitor a consciência de sua capacidade leitora*
- D) *Através do incentivo de ouvir e criar histórias*

Entrevistado 9 –

- A) *Durante as aulas faz parte da rotina diária a leitura de um livro de literatura infantil em casa sempre consigo um tempo para ler na internet algum artigo sobre temas relacionados a educação*
- B) *Com o ingresso na faculdade surge muitas inquietações sobre educação praticas pedagógicas relações humanas, isso te obriga ler, assim no começo é uma obrigação, mas com o tempo torna prazeroso você fica bem informado daí a vontade de ler sobre determinados temas só aumenta.*
- C) *A partir do momento que comecei a buscar as respostas das minhas inquietações como professora em livros artigos, percebi que a leitura é o melhor meio de formar e informar o cidadão crítico, assim encontrei suporte para aprimorar minha vida profissional.*
- D) *Cada leitor tem um objetivo, alguns ler para satisfazer o desejo por conhecimento, outros por curiosidade sobre algum livro citado em seu ciclo de amizades, e é assim que muitos despertam o interesse pela leitura torna um leito assíduo.*

Entrevistado 10 –

- A) *Processamento oral, escrita e formular que o aluno vem interagir levando um raciocínio lógico onde ele possa interpretar o que leu. etc*
- B) *Se constituiu no nosso dia-a-dia na sala de aula a cada expectativa. É fundamental discutir, aprofundar e sistematizar as ações por meio de pesquisas.*
- C) *Ler e conhecer o livro didático da leitura trabalhado expondo suas idéias e colocando como pertinentes no cenário atual . a leitura em todas as áreas do conhecimento. etc*
- D) *Cada um deles traz o seu modo, um ponto de vista diferente sobre a leitura, o que enriquece a nossa publicação, para tanto, é necessário se pensar*

formação de professores leitores. Capaz de instrumentalizarem seus educandos e, sobretudo, formarem novos leitores

Percebe-se aqui nesse eixo que o professor está antenado com as prerrogativas trazidas pelos Parâmetros Curriculares. Segundo o PCN (1997, p. 53)

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua [...]". Não apenas ler para aprender ou escrever e melhorar vocabulário, mas ler para saber o que acontece. (PCN 1997, p. 53).

Vemos que aqui um professor queixa-se da leitura ficar apenas no planejamento que por sua vez fica apenas no papel, o que nos sinaliza para uma revisão dos aspectos ligados a prática enquanto coordenação. Resta aqui não cair em acusações mútuas, mas em uma análise reflexiva de responsabilidades para sanar a questão. A concepção de leitura é outro ponto importante ressaltado pelos professores e essa concepção é da leitura enquanto imprescindível para a formação, porém tratada com algo de certa forma difícil e por que não dizer inatingível em sua totalidade.

O indivíduo não gosta de fazer coisas que impliquem muitas dificuldades e em que falte o prazer. O comportamento mais comum é desinteressar-se, recorrendo a outras atividades que lhe proporcionem prazer. Há, no entanto, também atividades que não lhes dão prazer, mas precisam ser realizadas, em decorrência de outros fatores, com objetivos diversos. Essas situações também são encontradas na leitura, principalmente por que ler exige o esforço da compreensão do entendimento e exige uma imaginação principalmente quando os livros não tem forte apelo visual.

3.6.5.4 Práticas leitoras e formação continuada

Solicitou-se novamente aos professores que fizessem uma narrativa que abrangesse leitura enquanto formação do professor, a relação entre as práticas de leitura e a formação continuada, Práticas de leitura que subsidiam a formação continuada e o papel formativo dessas práticas e os efeitos e potencialidades da leitura na formação continuada. As impressões dos professores são as seguintes.

Entrevistado 1 –

As mudanças políticas, econômicas e culturais que ocorrem na sociedade atualmente, e o grande volume de informações estão se refletindo no ensino e exige um novo perfil do profissionalismo da educação. Portanto é necessário ao professor uma formação que assegure práticas coerentes com os princípios que visem à transformação do sistema educativo e a inclusão dos novos desafios que nela ocorrem.

O cotidiano do professor deve ser marcado pela análise diária de suas práticas pedagógicas. Faz-se necessário a existência de professores pesquisadores dispostos a desafios, que busquem formas diversificadas e renovadas de leitura e compreensão de suas realidades a fim de buscar a transformação da mesma, dentro de uma visão crítica, criativa e inovadora.

A formação continuada precisa constituir-se como um processo que permita reciclar a formação inicial proporcionando a atualização contínua e conseqüente.

Visando uma ressignificação dos saberes através da leitura o professor pode buscar modificar o ensino, apontando novos caminhos, desafios a fim de encontrar novos saberes mediante da análise e reflexão das concepções do sujeito nela envolvida.

Entrevistado 2 –

É de suma importância, pois, amplia os conhecimentos fazendo com que compreenda e interprete teorias para colocá-las em prática. É evidente e notório que o educador é um profissional que deve está constantemente em contato com a leitura, pois a mesma deve fazer parte do seu cotidiano. Através da prática da leitura ele aprimora seus conhecimentos e dar mais significado a sua prática pedagógica. Existe uma variedade textual ampla e variada que pode auxiliar na formação continuada e formativa dessas práticas. Adquirir e ampliar conhecimentos melhorando cada vez mais a prática pedagógica.

Entrevistado 3 –

A leitura contribui de forma significativa na construção do saber, sendo fundamental na educação em qualquer nível, tendo sua importância no processo de compreensão do mundo. Se dá através da necessidade de um contínuo

aprimoramento profissional de reflexões críticas sobre prática pedagógica, pois efetiva a melhoria no processo ensino aprendizagem. A formação continua é suporte para subsidiá-lo em suas práticas pedagógicas, desenvolvendo seu papel com competência, faz-se necessário um trabalho sistemático, criando condições ao professor de refletirem sobre sua atuação em sala de aula nem dialogo entre a teoria e a prática. São conhecimentos adquirido, modifica sua realidade é nessa percepção entende-se a importância da consciência do professor quanto a prática da leitura em todas as dimensões.

Entrevistado 4 –

O professor que ler é destacado é argumentativo é cheio de conhecimento No decorrer a prática de leitura tornou-se requente no nosso cotidiano. Essa por sua vez, é influenciada pela formação do Pacto Nacional, resultado disso alunos mais participativos, com a oralidade aguçada, fácil acesso dos livros literários, tornando a leitura um hábito diário.

Entrevistado 5 –

A leitura enquanto formação do professor é uma fonte de conhecimentos para toda vida. No decorrer, a prática de leitura tornou-se freqüente no nosso cotidiano. Essa por sua vez influenciada pela formação do pacto nacional . O resultado disso são alunos mais participativos com a oralidade aguçada, fácil acesso aos livros literários tornando a leitura hábito diário.

Entrevistado 6 –

A leitura é um meio de construção do conhecimento, pois é preciso conhecer as diretrizes legais em que essa expressão ganha legitimidade. O professor deve conviver com a leitura diariamente, pois ele é o responsável por formar novos leitores. A formação continuada existe para superar algumas dificuldades existente no campo educacional e a leitura oferece o melhor suporte para superá-las e oferecer ao professor mecanismos que facilite na formação de leitores.

Entrevistado 7 –

A leitura deve fazer parte da vida de qualquer profissional e na formação do professor não deverá ser diferente que trabalhos com a formação de outras pessoas,

por tanto a formação do professor deve está bem solida, tendo a leitura como ponto de partida. Acredito que o próprio professor é o grande responsável pela sua formação continuada não basta ficar esperando que o poder público ofereça essa formação e o ponto de partida dessa formação é uma boa leitura de livros que ofereça uma reflexão de sua prática como profissional. A leitura que uso como forma de formação são leituras científicas informativas textos de livro e revistas que contribuem com minha formação de pedagogo e na área de geografia uso também alguns site online que acompanho as noticias Quanto feita por prazer e por decisão da professora a pratica da leitura tem o potencial de transformar o individuo por inteiro, tornando um ser melhor enquanto pessoa e suas práticas em sala de aula serão transformadas também.

Entrevistado 8 –

A leitura é algo fundamental para todos os seres humanos, pois além de ampliar seu conhecimento de mundo, os capacita para as diferentes formas de interação.É fundamental que o professor tenha a leitura como prática incorporadas em seu horizonte de experiência cotidianas.Para tanto, ao considerarmos a prática como campo fundamental de aprendizagem entendemos que é por meio dela que se da a troca de experiências. Há um efeito muito grande na formação continuada pois o professor é formador de novos leitores ele precisa gostar de ler

Entrevistado 9 –

A leitura é um meio de construção do conhecimento assim é imprescindível que o professor utilize a mesma para se manter atualizado e buscar práticas que favoreça na formação do cidadão, que é um dos maiores objetivos do educador.Entende-se que o professor é um profissional que deve conviver com a leitura diariamente, pois ele é responsável por formar novos leitores para que isso aconteça o educador deve usar seu habito de ler para influenciar os educandos. A formação continuada existe para superar algumas dificuldades que existem no campo educacional e a leitura oferece o melhor suporte nessa superação o conhecimento teórico e uma prática pedagógica atuante só pode ser construído a partir de leitura. A formação continuada pode oferecer ao professor mecanismos que podem facilitar na formação de leitores, pois o educador deve ter segurança no que

diz respeito a leitura p; incentivar a sua turma a desenvolver o habito de ler sem obrigação.

Entrevistado 10 –

A sua formação e a face á crise da leitura. Que diz a respeito da instituição de ensino vem possuir alguns projetos para incentivar a leitura, percebemos-se que uma das ausência da prática de leitura é de grande parte dos jovens futuros professores. A leitura é uma fonte de constituição do saber, por isso, fundamental na educação em qualquer nível tendo em visto sua importância no formação, compreensão de mundo a leitura constitui hoje uma demanda social. Através da formação continuada elaboramos projetos criados com equipes pedagógicas onde aborda diferentes obras e os alunos escolhem aqueles que lhes interessarem. Cada aluno fica com a incumbência de ler a obra escolhida na mesma semana marcado p/ o projeto, apresenta suas reflexões na prática diária. Etc. Leituras de textos e imagens, produção de cartazes e jornais revistas são uns muitos recursos para motivar o aluno em língua portuguesa é essencial a mediação de um professor proficiente.

Com a primazia o desenvolvimento humano que é a leitura lúdicas, atividades de leitura que enfocavam o gosto dos alunos pela leitura, favorecendo uma rica troca de saberes e potencializando o engajamento social e político e cultural. Através dos trabalhos em sala de aula, livros, seminários, internet, e da escrita na sala de aula, a língua falada perdeu espaço nas práticas escolares. No entanto, a competência comunicativa é uma demanda importante no mundo de hoje. Crianças e jovens precisam diferenciar situações sociais na leitura continuada

Para conseguir resolver as lacunas deixadas nessas etapas de infância, adolescência, tanto pela família quanto pela escola a formação continuada apresenta-se como solução e fator relevante para uma atuação repleta de significação, possibilitando ao educador maior aprofundamento dos conhecimentos profissionais, adequando sua formação as exigências do ato de ensinar, levando-os a reestruturar e aprofundar conhecimentos adquiridos na formação inicial. O professor que participa de atividades de formação continuada pode refletir sobre suas práticas e trabalho diário.

Além disso, o processo de formação contínua de professores lhes possibilita ter consciência das delimitações da ação pedagógica bem como a busca de autonomia. A formação continuada apresenta-se então como um processo inacabado próprio da formação de um profissional às exigências do exercício de sua profissão.

Neste eixo destacamos a questão da formação continuada, caracterizando os eventos e investimentos na formação continuada dos interlocutores, bem como as demandas da prática docente e o sentido da formação continuada na vivência da profissão. O professor aqui é consciente do valor dessa formação em sua vida e sua prática. E enquanto alguns responsabilizam o governo por iniciativas, programas e projetos, outros são conscientes de suas responsabilidades individuais no crescimento próprio.

Frente a tantas cobranças impostas pela sociedade atual, a formação continuada passa a ser uma necessidade que envolve aspectos sociais e pessoais. Dessa forma, a formação de professores representa um grande desafio no contexto atual, tendo o profissional da educação que estar constantemente atualizado, pois conforme Lino, (2010 p.36-37):

A valorização dos processos de aprendizagem dos próprios professores, ou seja, no investimento pessoal e institucional de seu aperfeiçoamento contínuo, segundo a criação ou produção de diferentes contextos de aprendizagem também par ao professor e não só para o aluno. (LINO,2010,p.36-37)

Assim, discussões sobre formação continuada devem está presente no âmbito da educação, pois possibilita ao educador refletir sobre o seu fazer, já que esta promove a reflexão dos educadores, melhorando dessa forma sua prática. Assim sendo, o educador que dominar uma série de saberes, capacidades e habilidades que o fizerem competente no exercício da docência pode ser considerado um profissional.

Percebe-se nesse item que os professores tem plena consciência do valor e da importância da leitura em sua vida pessoal e profissional. E afirmam isso em todo o decorrer da pesquisa e isso nos faz questionar que tipo de leitor é esse professor que não reverbera em suas turmas valor e a necessidade da leitura, nos fazendo crer que a leitura realmente não acontece em real sentido pois não há

criticidade que aponte para a mudança de padrão e comportamento que é o pressuposto da aprendizagem.

De acordo com Cabral (1986) A interpretação culmina numa reflexão pelo leitor, num posicionamento crítico principalmente acerca do tema tratado e suas experiências de vida, “a interpretação é a fase da utilização da capacidade crítica do leitor, o momento em que faz julgamentos sobre o que lê” (CABRAL, 1986 apud MENEGASSI, 1995, p.88).

É importante ressaltar também que a interpretação tem manifestação idiossincrática, pois depende dos conhecimentos anteriores que o leitor possui de suas experiências, etc, sendo cada leitor faz interpretações diferentes, o que ocasiona várias possibilidades de leitura (MENEGASSI,1995). Ademais, é na interpretação realmente efetivada que vemos no processo de leitura o leitor ser sujeito da leitura a partir de seu conhecimento de mundo de suas experiências de vida, de seu posicionamento crítico, o leitor assume assim na interpretação características de um leitor crítico que “dentro dos seus projetos de interlocução com materiais escritos, analisa e examina as evidências apresentadas, e, à luz dessa análise, julga-as criteriosamente para chegar a um posicionamento diante dos mesmos” (SILVA, 1998, p.28).

Assim, quando o leitor atinge a etapa da interpretação, para a qual a etapa da compreensão é indispensável e imprescindível (MENEGASSI, 1995), assume atitudes de reflexão, questionamento e processos de julgamento que são típicos da criticidade em leitura, já que uma leitura crítica quase sempre resulta de uma avaliação de mérito, valor e/ou verdade das idéias produzidas (SILVA, 1998).

Esse professor que lista o que lê, tem consciência do que lê, entende o que lê, mas não se engaja em transformar em atitudes o conteúdo do que lê é certamente o professor que encontramos e que não precisamos.

do aprendizado contínuo do professor Demo resalta aquilo que, a necessidade do próprio professor construir seu material didático, uma vez que os livros não acompanham a linguagem tecnológica em termos de tempo, ficando por vezes obsoletos em relação à ela. E esse fazer do professor só pode acontecer de posse de leitura .

Retomamos aqui o que Zimmermam (2011) reflete que o desafio imposto às redes de ensino que assumem para si a tarefa de fazer da escola um lugar de formação de leitores é, primeiro, fazer com que os professores passem à categoria

de leitores. De certa forma, as estratégias não diferem muito das que devem ser adotadas entre os estudantes: é preciso oferecer livros e criar momentos para que a leitura seja praticada de forma prazerosa e significativa. Ainda segundo essa pesquisadora trata-se de racionalizar iniciativas de forma a aproveitar aquilo que a escola já pode oferecer para os alunos e para os professores. Não requer muitos investimentos, pois existe já o Plano Nacional Biblioteca da Escola e o próprio Plano Nacional do Livro Didático, que podem ter ações voltadas tanto para o professor quanto para o aluno. O professor é, ao mesmo tempo, interessado, parceiro e beneficiário dessas atividades. Nesse item também os professores valorizaram a formação proposta pelo Pacto Nacional e relatam que essa os ajudou na reformulação das práticas que por sua vez repercutiram na vida e rendimento dos alunos.

3.6.5.5 Livros marcantes que li

Nesse item foi solicitado ao professor que Comente, narrativamente, sobre leituras de livros que marcaram sua vida pessoal e profissional.

Entrevistado 1 –

- A) *Na infância : A Bíblia*
- B) *Na adolescência/ Juventude.*
- C) *Na vida profissional. Os teóricos da educação (Coleção Educadores).*

Entrevistado 2 -

- A) *Na infância. Tinha acesso apenas as leituras cobradas pela escola e me dedicava muito p/ aperfeiçoá-las.*
- B) *Na Adolescência/Juventude: Revista: Sabrina/ Revista: Foto Novela*
- C) *Na vida profissional. PCNS/ Alfabetização e Linguagem.*

Entrevistado 3 –

- A) *Na infância. Livro de Joanita Souza (português) ABC – Cartilha, foram leituras que contribuíram para formação da minha vida*
- B) *Na adolescência/ Juventude. Livros de poesias por ser um contexto que despertava minha imaginação*

- C) *Na vida profissional. Pedagogia do Amor / Quem ama Educa / Pais brilhantes / Professores Fascinantes que marcaram minha formação acadêmica e me ajudam até hoje*

Entrevistado 4 –

- A) *Na infância. Achava interessantes aquelas histórias bíblicas com seus desenhos coloridos e bem ilustrados.*
- B) *Na adolescência/ Juventude. Lia muito revista de entretenimento contando a vida dos artistas. Essa revista saiu de linha (CARÍCIA)*
- C) *Na vida profissional. Seguiu alguns métodos da professora Maluquinha, livro com vocabulário simples.*

Entrevistado 5 –

- A) *Na infância. Monteiro Lobato, A menina do narizinho arrebitado, viajava no desconhecido.*
- B) *Na adolescência/ Juventude. Lia muito revistas em quadrinhos*
- C) *Na vida profissional O livro de Ziraldo: Uma professora muito Maluquinha, me senti como ela quando lecionei no fluxo.*

Entrevistado 6 –

- A) *Na infância. Brincando com as palavras Joanita Souza*
- B) *Na adolescência/ Juventude.*
- C) *Na vida profissional. Pais brilhantes professores fascinantes*

Entrevistado 7-

- A) *Na infância. A única lembrança que tenho são dos textos das cartilhas Casinha Feliz e uma que falava de um carro amarelo*
- B) *Na adolescência/ Juventude.*
- C) *Na vida profissional. O livro que motivou meu interesse por leitura profissional foi pais brilhantes, professores fascinantes, principalmente a história final a torre.*

Entrevistado 8 –

- A) *Na infância. ABC*
- B) *Na adolescência/ Juventude. Turma da Mônica (Revistas)*
- C) *Na vida profissional. Paulo Freire e Emilia Ferreira*

Entrevistado 9 –

- A) *Na infância. Literatura infantil: o pequeno pode tudo, apresenta a historia de um pardal que transforma um lixão deserto em uma linda floresta carregando sementes sozinho.*
- B) *Na adolescência/ Juventude. O pequeno príncipe, fala de afetividade da importância de compreender o outro, pois cada um tem uma visão do mundo*
- C) *Na vida profissional. A formação social da mente (Vigo tsky), retrata o comportamento humano ao longo do seu desenvolvimento demonstrando que a aprendizagem é gradativa*

Entrevistado 10 –

- A) *Na infância. Não houve, eu também não lembro*
- B) *Na adolescência/ Juventude. A escrava Isaura (Bernardo Guimarães) o primo Basílio c/ Eça Queiros*
- C) *Na vida profissional. A Bíblia, Quando Deus Quer Agir, O menino no espelho (Fernando Sabino) Ubirajara, Vidas Secas, Amor de Salvação.*

Percebe-se aqui a deficiência de leitura na simples resposta à pergunta. Solicitou-se que respondesse com narrativas ao questionamento. Os professores apenas listaram de forma resumida os poucos livros que leram e um deles afirmou nem ao menos lembrar o que leu na infância. Os poucos que responderam em relação a infância relatam livros de escola, cartilhas, poucos clássicos da literatura, o que acontece também na adolescência e juventude, onde alguns poucos citam alguns clássicos possivelmente solicitados pela escola. Na vida profissional, de maneira bem resumida citam alguns livros referentes a profissão de professor, mas também de maneira sintética e resumida. O que demonstra que todo o discurso favorável à leitura vista e lida nos questionamentos anteriores se perde na questão da efetivação da leitura propriamente dita.

No relato desses professores percebe-se o que a ausência de uma infância acompanhada e direcionada pela família para a leitura. Não podemos colocar a responsabilidade de incentivo à leitura somente a cargo dos professores, os pais

possuem um papel muito importante nesse processo. Os pais devem incentivar a leitura de seus filhos antes mesmo deles iniciarem a vida escolar, reservando alguns minutos do dia para ler livros infantis para eles. Quando estiverem alfabetizados, esses minutos devem continuar, porém, são eles que vão ler os livros que podem ser até os mesmos inicialmente para que comparem o que eles ouviam com o que eles estão lendo. Devem evitar expressões como "Está errado!" ou "Está lendo mal!", devem-se utilizar expressões como "Agora vamos ler juntos..." e apontar para as palavras à medida que, lentamente, as lê. Deve-se aumentar a auto-estima da criança elogiando todos os progressos, até os aparentemente mais insignificantes.

É importante variar os gêneros, propondo leituras de livros infanto-juvenis, matérias de jornal, revistas infantis, textos informativos, receitas, manuais etc. Falar sobre o livro que a criança vai ler é interessante, pois aguça a curiosidade da criança em saber como a história vai acabar. Ao final da leitura é fundamental discutir sobre o que ela leu solicitando que ela faça um paralelo com algum exemplo real do cotidiano. Visitas regulares à bibliotecas podem ser divertidas, pois a criança aprende a escolher e localizar o livro que lhe agrada, podem visitar sessões especiais para crianças com vídeos e brinquedos e também pesquisar algum assunto para trabalhos escolares. Mas todo esse processo não deve ser forçado, deve haver um interesse por parte da criança, para que esse processo seja prazeroso e não obrigatório.

O aluno somente terá habilidades de leitura se tiver primeiramente o hábito de ler. Mas, como fazer com que nossos alunos tenham gosto pela leitura? É um círculo. O professor foi aluno e terá alunos. É preciso sensibilizar para o gosto da leitura. O gosto pela leitura nem sempre surge do nada. Apesar de algumas crianças terem o gosto pela leitura sem ser imposto pelo professor, elas são a minoria, e já foi comprovado que depende da influência dos pais.

O professor, depois dos pais, tem o papel principal e mais importante no desenvolvimento de hábitos e habilidades de leitura dos alunos, porém, não deve ser autoritário a ponto de escolher sozinho o que seus alunos devem ou não ler. O professor deve levar em conta as diversidades dentro da sala de aula e valorizar os gostos e opiniões formadas pelos alunos.

Mas, ler e escrever é um compromisso só do professor de língua portuguesa ou também dos professores das outras áreas do conhecimento? Esse é um ponto em

que se deve insistir muito hoje, a tendência é julgar que cabe ao professor de Português ensinar a desenvolver habilidades de leitura e de escrita. Frequentemente, professores das outras disciplinas se queixam com o professor de Português de que os seus alunos não estão sabendo compreender o problema de Matemática, o texto de História, o texto de Ciências.

Na verdade, essa competência, essa responsabilidade não é só do professor de Português, nem o professor de Português é inteiramente competente para desenvolver habilidades de leitura de um problema de Matemática, por exemplo. Porque tem uma terminologia específica, tem uma forma específica de se apresentar, como o livro de Ciências, como o livro de Geografia. Não é o professor de Português quem vai ensinar um aluno a ler um mapa, nem quem vai ensinar a ler um gráfico. Isso são atribuições específicas dos professores que trabalham com essas formas de escrita. Então, cabe a eles desenvolver essas habilidades de leitura e de escrita também. Escrever um texto de História, ou de Ciências, não é a mesma coisa que escrever uma crônica, se o professor de Português pede uma crônica. São gêneros diferentes, cada área de conteúdo tem um tipo específico de texto que cabe ao professor dessa área ensinar o aluno a escrever ou a ler. Mas, essa é uma questão que tem sido difícil, porque os professores de outras áreas que não Português não têm recebido formação na área de leitura, isso seria necessário, introduzir na formação desses professores alguma disciplina, enfim, alguma formação na área de leitura e produção de texto para que eles pudessem trabalhar com isso. (SOARES, 2002).

Mais uma vez é enfatizada a questão da formação continuada e mais específica, em leitura como alternativa para a resolução desses problemas. A escola o município em geral precisa propor projetos que ativem a interação entre professor-leitura-aluno, com ênfase na leitura prazerosa, inteligente e crítica, voltada para a formação e engrandecimento pessoal e profissional.

Não se pode deixar de levar em consideração aqui a necessidade de um maior esforço da família, do professor, da escola e dos alunos, para que o incentivo à leitura seja uma atividade real e atraente e isso não somente para o aluno, mas para toda a comunidade escolar. Por isso o PCN (1997, p. 62) sugere que se façam projetos de leitura. A característica básica do projeto é compartilhar a leitura e que todos se envolvam e trabalhem em parceria, ou seja, pais, professores, escola e alunos de forma a promover a leitura.

Ainda de acordo os PCN “Os projetos são situações em que a linguagem oral, escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma

contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que circulam esses diferentes conteúdos”.

Continuam o PCN (1997, p. 62) afirmando que “os projetos de leitura são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler e, em determinados casos, a própria leitura oral e suas convenções”. É preciso sair assim do lugar comum, da acomodação e partir para o trabalho concreto de desvendar e revelar a realidade maravilhosa que só o leitor realmente engajado pode conseguir. O professor é aquele que tem o instrumental e a possibilidade, é preciso acima de todas as outras condições, a vontade para fazer a diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é uma unidade social que determina tipos de comportamento, posições e papéis, além de agenciar formas de sociabilidade. O processo educativo espelha valores e estruturas sociais, originando, obrigatoriamente, formas de ajuste social. Mas nunca se deve esquecer que a observação do “objeto escola” corresponde à observação de que a escola é um objeto composto de sujeitos. A educação não é um simples e abstrato mecanismo reprodutor. Existe uma série de instituições e relações que supervisionam e regulamentam a ação educacional e que são transformados pela ação e interação dos agentes. E só a perspectiva histórica pode compreender a interação entre estrutura e a interação presente que ao trabalhar sobre aquela produz uma nova realidade. É esse o desafio do professor contemporâneo, absorver uma dada realidade e criar na interação dinâmica entre os diversos atores sejam quais forem às suas posições e, origem, uma outra realidade.

Assim, a educação em si não pode ser definida nem como promotora de desenvolvimento, nem como reprodutora, por que em meios a crises, conflitos sejam de que ordem for ela estará sendo reformulada e rearticulada em seus princípios, filosofias e em seus atores. O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar credibilidade as suas opiniões, valorizar sugestões, observar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade, disponibilizando mútuas conversas. Isso sim faz toda a diferença.

Frank Smith (apud FREITAS, 2000) afirma que “o tipo de mudança que fará diferença nas escolas não virá com melhores teorias ou com melhores materiais, ou mesmo com professores mais bem informados, mas somente com cada um assumindo uma atitude em direção à mudança”. Um passo em direção a um objetivo e se inicia um caminho. Um desejo, uma vontade e assim cada vez mais próximos da educação de excelência. E é assim, um constante vir-a-ser que pressupõe o papel da educação em tempos hodiernos.

O ato de ler, por inúmeras razões, é uma atividade complexa. Assim, as dificuldades com a leitura e com a escrita são compreensíveis, tendo em vista exigirem habilidades que não são inerentes ao indivíduo. Para adquirir tais habilidades, deve-se recorrer a uma prática permanente e progressiva. Há que se

pensar, igualmente, no risco de escolher leituras com vocabulário arcaico, as quais requerem atenção e esforço mental, aumentando as dificuldades tanto do professor como do aluno, visto que da mudança de comportamento desse haverá as possibilidades de crescimento daquele. para a formação do indivíduo como sujeito pensante, crítico e ativo na sociedade, é que a leitura inseriu-se na vida do homem.

A leitura interage com o leitor, de forma a enriquecer seu crescimento pessoal, profissional e social. É uma atividade individual, que estabelece contato com o leitor através da compreensão do que foi lido. Assim o texto precisa do leitor para obter vida e o leitor faz isso, no momento em que compreende o que foi lido e o relaciona com a sua realidade, fazendo inferências. Dessa interação é que pode ser adquirido ou construído o gosto pela leitura. É por meio dos textos significativos, que os educandos e os educadores se conhecem e adquirem saberes, interagindo dinamicamente. É nesse processo de interação, que o aluno reflete, pensa, discute, diverte-se, ampliando informações e conhecimentos sobre o mundo. Para que esse resultado aconteça, é relevante e essencial que se ofereça a diversidade.

Encontramos nesse trabalho um indivíduo com formação acima da média da população brasileira, mas que apesar de dizer o contrário, vai comprovando em sua prática cotidiana que não possui o hábito de fazer aquilo que prega enquanto necessidade diariamente em sala de aula, cobrando do aluno aquilo que ele próprio não faz.

Difícil tornou-se nesse momento admitir enquanto coordenadora responsável pelo grupo que o professor itamariense não lê sistematicamente e o pouco que lê não faz dele um formador de leitores e educandos engajados. A importância desse trabalho ocorre justamente pelo fato de que com esse instrumento comprobatório dessa lacuna, poderemos através do velho processo de ação-reflexão-ação, resolver o quanto antes a situação, por meio de intervenções e projetos que alcancem professor e alunado, fazendo do trabalho da leitura uma vivência a ser definida no município para todos os atores do processo e não apenas direcionado ao aluno.

Referencias

ALARCÃO, Isabel (org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**, Porto: Porto Editores, 1996.

ALMEIDA, Laurinda R.; BRUNO, Eliane B. G.; CHRISTOV, Luiza Helena da S. (Org.). **O Coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Loyola, 1999.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de e outros (Org). **O Coordenador Pedagógico e o Espaço da Mudança**. 4ª ed. Ed. Loyola, 2005.

ANDRADE, Ludmila Thomé de. **Professores leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimentos e de saberes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira et. al. São Paulo: HUCITEC, 1997

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). **O jogo discursivo na sala de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1995.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 1981.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In:

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**.

Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, Andrea. T. B. e LEAL, Telma F. A formação continuada de professores: enfim o que pensam e sugerem os docentes? In: **Formação continuada de professores: Reflexões sobre a prática**. Recife: Editora Universitária, UFPE, 2010.

FERREIRA, Andrea. T. B. Os saberes docentes e sua prática. In: Andrea Tereza Brito Ferreira; Eliana Albuquerque; Telma Leal. (Org.). **Formação Continuada de Professores: questões para reflexões**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCEZ, L.H.C. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: UNB, 1998.

GATTI, Bernadete. **Formação Continuada de Professores: A questão psicossocial**. Cadernos de Pesquisa, n. 119, 2003. p. 191-204.

GERALDI, João Wanderlei (Org.) et al. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GIOVANI, L.M. **O ambiente escolar e ações de formação continuada**. In: CHAVES.S.M e TIBALI E. F. (orgs). **Concepções e práticas em formação de professores –diferentes olhares**. Goiânia: Alternativa, 2003.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000.

ISER, W. **O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kreschmer São Paulo: Ed. 34, 1996.

KATO, Mary A. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2010.

MAIA, Joseane; **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MENEGASSI, R. J. **Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor**. Revista UNIMAR 17(1): 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, Antonio.(org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote

PIMENTA, Selma Garrido. GONÇALVES, Carlos Luiz. **Reverendo o ensino de 2º. Grau: propondo a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1990.

PORTELA, G.L. **Abordagens teórico-metodológicas. Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS**. 2004.

PCN. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, v.2, 144 p., 1997.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo Atlas: 1999.

SACRISTÁN, J. G. e GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTANA. Manoela Oliveira de Souza. **Implicações da Desconstrução para o Ensino e Aprendizagem da Leitura** Santa Cruz do Sul, v. 37 n.63, p. 214-224, jul.-dez., 2012.<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. ZILBERMAN. Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991

SILVA, E. T. **Criticidade e leitura**. Campinas : ALB/ Pontes, 1998.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed., 5. reimpressão, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: **A escolarização da leitura literária**. Belo horizonte: Autêntica, 2006.

TELLES João A. “**È Pesquisa? Ah, não quero não bem!**” Linguagem & Ensino. Vol. 5, 2002 (91-116).

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Perspectiva para reflexão em torno do projeto político-pedagógico**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro et al. Escola: Espaço do Projeto Político-pedagógico. São Paulo: Papyrus, 1998.

VUOLO VICENTE <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opinio-analfabetismo-funcional/>. Acesso: 15 de maio de 2015

http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por Disponível em 17 de abril de 2015. Acesso: 15 de janeiro de 2016

WELLEK R e A. WARREN. **Teoria da Literatura e Metodologia dos Estudos literários**. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

ZILBERMAN, Regina (Org.) et al. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. **Leitura literária e outras leituras**. Gragoatá: Niterói, n.2, 1997.